UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Artur Vasconcelos Cordeiro

A casa comunicativa e o habitante
o espaço doméstico e o uso dos meios de comunicação

São Paulo
2014

Artur Vasconcelos Cordeiro

A casa comunicativa e o habitante:
o espaço doméstico e o uso dos meios de comunicação

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre
em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Projeto, Espaço e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Marques de Azevedo

São Paulo
2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL DO AUTOR: arturvc@usp.br

Cordeiro, Artur Vasconcelos
C794c A casa comunicativa e o habitante: o espaço doméstico e o uso dos meios de comunicação / Artur Vasconcelos Cordeiro. –São Paulo, 2014.
176 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Projeto, Espaço e Cultura) – FAUUSP.
Orientador: Ricardo Marques de Azevedo

1.Espaço doméstico (Vida cotidiana) 2.Meios de comunicação
3.Apartamentos 4.Habitantes I.Título

CDU 728.1

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Ricardo Marques de Azevedo pela orientação e colaboração na realização deste trabalho e pelo apoio durante o caminhar acadêmico.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Aos colaboradores da FAU Maranhão pela solicitude em ajudar.

Aos professores da FAU, supervisores PAE e colegas do mestrado pela valiosa experiência.

À Camila, *mais que tudo*, pela interação e alento.

À família e amigos pelas contribuições e suporte.

E por fim, aos habitantes do apartamento 404, pelas inesgotáveis janelas...

RESUMO

CORDEIRO, A. V. **A casa comunicativa e o habitante**: o espaço doméstico e o uso dos meios de comunicação. 2014. 176 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Este trabalho tem como objetivo investigar o espaço doméstico relacionado aos meios de comunicação e ao habitante contemporâneo. Inicialmente foi feito um breve histórico do rádio, televisão, telefone e computador destacando as influências no ambiente doméstico. Posteriormente foram investigadas características do habitante urbano considerando as novas formas de comunicação promovidas pelas redes digitais e o surgimento de novos grupos familiares. Por fim foi realizada uma pesquisa sobre a presença da televisão e computadores em apartamentos do município de São Paulo através de plantas de vendas veiculadas em anúncios publicitários de 1981 a 2010, averiguando os seus impactos e modos de atuação no espaço doméstico. Com base no que foi abordado são feitas interpretações sobre o habitar contemporâneo. Dessa forma, promove reflexões sobre a condição tecnológica da comunicação inserida no âmbito do espaço doméstico.

Palavras-chave: espaço doméstico, habitante, meios de comunicação, apartamentos.

ABSTRACT

CORDEIRO, A. V. **The communicative house and the inhabitant**: the domestic space and the use of media. 2014. 176 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

This work aims to investigate the domestic space related to media of communication and to the contemporary inhabitant. Initially is made a brief history of radio, television, telephone and computer highlighting the influences in the domestic environment. Then, characteristics of urban inhabitant were investigated considering the new forms of communication promoted by digital networks and the emergence of new family groups. Finally, it is carried a survey about the presence of television and computers in apartment's sales plan of São Paulo from 1981 to 2010, examining their impacts and influences in the domestic space. Based on what was discussed, it is developed interpretations of the contemporary dwelling. Thus, promotes reflection on the condition of communication technology embedded within the domestic space .

Keywords : domestic space, inhabitant, media, apartments.

SUMÁRIO

Introdução	013
Capítulo 1 - A casa como lugar de comunicação	019
1.1 O espaço de habitar	021
1.1.1 Limites de proteção e exposição	024
1.1.2 A informação em casa	027
1.2 Breve histórico das mídias de comunicação	032
1.2.1 O rádio	036
1.2.2 A televisão	042
1.2.3 O telefone	049
1.2.4 O computador e a internet	054
Capítulo 2 - Habitantes em transformação	061
2.1 A (des) configuração da família tradicional	063
2.1.1 Dados censitários	067
2.1.2 Novos modelos e antigas propostas	071
2.2 Sociedade em rede	073
2.2.1 Digitalização do cotidiano	074
2.2.2 Espaços deslocados	077
2.2.3 Pesquisas TIC	078
2.3 O Habitante individualizado	080
Capítulo 3 - A TV e o PC na planta de venda	083
3.1 Metodologia	086
3.2 Análise da amostra	088
3.3 Considerações	103
Conclusão	107
Referências	117
Anexo - Plantas de venda	131

INTRODUÇÃO

Em setembro de 2012, na pequena cidade holandesa de Haren, uma jovem convidou pelo Facebook seus amigos e familiares para sua festa de aniversário de 16 anos em sua casa. Porém, ela não configurou a visibilidade do anúncio nas preferências de privacidade do referido site, e o convite tornou-se público. Rapidamente, milhares de pessoas aceitaram o convite da festa de aniversário. O evento ganhou uma proporção fora do controle, no dia do seu aniversário a jovem teve que sair da cidade, enquanto mais de três mil pessoas chegavam na pequena cidade para participar da festa. Houve conflito violento com a polícia que tentava dispersar a multidão de pessoas convidadas por engano.

O exemplo anterior, um entre vários outros, mostra como as relações de comunicação no universo digital estão totalmente relacionadas com a vida cotidiana. Um pequeno descuido pode transformar o que seria um encontro prazeroso entre parentes e amigos, no conforto de casa, em uma situação caótica e traumatizante, envolvendo uma multidão de pessoas desconhecidas. O limite entre público e privado pode se dar em um clique de mouse, ao marcar determinada opção nas configurações de um site.

Essa imersão da telecomunicação no ambiente doméstico teve início no século XX, quando a casa ganha uma nova dimensão com a difusão das mídias, rompendo paradigmas nas relações dos espaços públicos e privados. De forma gradual e crescente, o rádio, a televisão, o telefone e o computador conectado à redes digitais se instalam definitivamente nos domicílios e promovem novos hábitos e modos de usar o espaço. Com a difusão da tecnologia, as residências de várias camadas sociais vão incorporando os equipamentos e mídias de comunicação, tornando-se parte estrutural do espaço de moradia.

O rádio inaugurou um espaço na casa para ouvir o mundo extramuros. A televisão, seja na sala de estar, ou nos dormitórios, tornou-se um item obrigatório para muitas pessoas, fazendo parte da rotina diária. Na última década, o acesso ao computador conectado na internet deixa de ser um privilégio de poucos e passa a ser usado em milhões de lares brasileiros. Com os telefones celulares conectados à redes digitais, os habitantes tornam-se onipresentes e adquirem novas formas de interação com o espaço.

Mesclando os espaços privados, de intimidade e público, as fronteiras da casa tornam-se imprecisas. As pessoas estão constantemente habitando lugares deslocados do espaço em que se encontram.

A proposta deste trabalho é evidenciar como o espaço doméstico contemporâneo está intrinsicamente relacionado com os equipamentos de comunicação. Objetiva também estudar as influências dos equipamentos de comunicação nos habitantes e no espaço de moradia.

Este trabalho é composto por três capítulos, descritos a seguir:

Capítulo 1 - A casa como lugar de comunicação

Introdução sobre a casa como abrigo e também lugar de comunicação, abordando os limites interno e externo como fator de definição do espaço doméstico. Em seguida, trata do surgimento das mídias e equipamentos em geral, relacionando a difusão e popularização com interesses comerciais. Por fim é feito um breve histórico do rádio, televisão, telefone e do computador nos domicílios brasileiros.

Capítulo 2 - Habitantes em transformação

Analisa a transformação dos habitantes contemporâneos a partir do surgimento de novos tipos familiares e das possibilidades promovidas pelas redes digitais de comunicação. A partir de dados censitários, é feito um levantamento dos tipos e estruturas familiares abordando as consequências nos espaços de moradias. Também é analisada a consolidação das redes digitais no cotidiano e como ela repercute nos habitantes.

Capítulo 3 - A TV e o PC na planta de venda

A partir de plantas de vendas é feita uma pesquisa sobre a presença da televisão e do computador em apartamentos do município de São Paulo, abrangendo o período de 1981 a 2010. Investiga a quantidade, o lugar de uso e a evolução tecnológica dos aparelhos de televisão e do computador. Com base nesses dados são analisados os efeitos dos equipamentos no espaço, bem como interpretações sobre o modo de habitar.

Imagem 1 - Anatomia de uma moradia por François Dallegret (Anatomy of a dwelling, 1965).
Fonte: Socks.

CAPÍTULO 1

A CASA COMO LUGAR DE COMUNICAÇÃO

1.1 O ESPAÇO DE HABITAR

Ao estranho, selvagem, brávio contrapõe-se o doméstico, aquilo que foi domesticado, sobre o qual o homem exerceu o seu domínio. Do latim *domus*, a casa urbana dos patrícios na Roma antiga, foi originado doméstico, domicílio, dominar. Através de artifícios e técnicas o ser humano transforma o espaço inóspito em habitável, o espaço doméstico, onde reside e zela pela sua manutenção.

Na história da casa, a relação entre os espaços dentro e fora – interior e exterior, doméstico e selvagem – desempenha um papel fundamental na concepção e entendimento do lugar de moradia. Pode-se dizer que a habitação, na imagem da cabana primitiva, surge ao criar um espaço encerrado de proteção contra ameaças e intempéries. Essa dualidade de resguardo e adversidades externas se desdobra em inúmeros aspectos nas moradias ao longo do tempo e das culturas.

Em algumas habitações o perigo pode ser simplesmente a presença do outro, quando então o espaço é organizado para impedir que o estranho tenha acesso, até mesmo visual, a determinados ambientes da casa. Tal restrição por vezes é relacionada à questão de privacidade e de gênero, como na oikos grega onde *gynaecium* era o lugar na habitação destinado as mulheres e *andron* aos homens.

No Brasil colônia já havia uma clara distinção entre os espaços da mulher e o do homem. Carlos Lemos afirma que nas casas coloniais brasileiras, por influência mourisca, “o resguardo da privacidade do gineceu mameluco era de vital importância” (LEMOS, 2012, pág. 16). Como consequência surge o quarto de visitantes na frente da casa bandeirista (Imagem 2), com acesso exclusivo pelo o alpendre, sobre o qual comenta Michel Foucault:

A porta da frente não se abre para a parte principal da casa, onde a família vive, de modo que qualquer pessoa que passe por ali, qualquer viajante, tem o direito de abrir a porta, entrar no quarto e passar a noite ali. Agora, os quartos são dispostos de tal modo que as pessoas que lá ingressam, nunca atingem o coração da família: será apenas um viajante, jamais um hóspede verdadeiro.¹ (FOUCAULT apud COLIN, 2011).

O yurt (Imagem 3), o abrigo nômade dos mongóis ainda presente nas estepes da Ásia Central, é um exemplo de organização espacial que mesmo sem divisória interna tem um rígido estabelecimento de lugares entre gênero e pessoas estranhas à moradia. A entrada do yurt é sempre orientada para o sul, no lado leste ficam as mulheres, do lado oeste ficam os homens, e os visitantes tem um lugar especial no lado dos homens (SCHOENAUER, 2000,).

Na Inglaterra medieval, o *hall*², que Bill Bryson (2011) define como um grande espaço sem divisão semelhante a um celeiro com uma lareira (Imagem 4), habitavam a família e os criados, comendo, vestindo, trabalhando e dormindo todos no mesmo ambiente. Espacialmente remete ao despojado loft, mas era um tipo de ocupação completamente diferente, coabitando um grande número de pessoas desprovidas do senso de privacidade que há atualmente.

Os espaços da domus na Roma Antiga tinham áreas específicas de acesso e permanência, como afirma Vitruvius:

[...] aos que são específicos dos proprietários, não é ali permitida a entrada a todos, mas apenas aos convidados, como é o caso dos cubículos, triclinios, banhos e outros compartimentos, que têm idênticas funcionalidades. São comuns aqueles aos quais podem aceder por direito próprio, mesmo sem convite, pessoas do povo, como sejam os vestibulos, os átrios, os peristilos e outros espaços que possam ter idêntico uso. (VITRUVIUS apud OLIVEIRA, 2010, pág. 178 e 179).

1 Citação original (C. o.): *la porte pour y accéder ne donnait pas sur la pièce centrale où vivait la famille, et tout individu qui passait, tout voyageur avait le droit de pousser cette Porte, d'entrer dans la chambre et puis d'y dormir une nuit. Or ces chambres étaient telles que l'individu qui y passait n'accédait jamais au cour même de la famille, il était absolument l'hôte de passage, il n'était pas véritablement l'invité.* (FOUCAULT, 1984)

2 Aqui no Brasil o termo hall foi importado e está relacionado a um ambiente específico, mas “durante todo o período medieval, até bem entrado o século XV, o saguão era efetivamente a casa, tanto assim que se convencionou chamar de hall a residência toda, como em Hardwick Hall ou Toad Hall”. (Bill Bryson, 2011, pág. 65)

Imagem 2 - A casa bandeirista do Sítio do Padre Inácio em Cotia, com o quarto de hóspedes do lado esquerdo e a porta de acesso pelo alpendre.
Fonte: Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

Imagem 3 - Fotografia do século XIX de yurts mongóis.
Fonte: Wikimedia Commons.

Imagem 4 - Interior do casa medieval Penshurst Place do século XIV, localizada na Inglaterra.
Fonte: Wikimedia Commons.

Percebe-se nos exemplos anteriores como a definição dos espaços de dentro e de fora, e a noção do que hoje entende-se como espaço de intimidade não seguem uma lógica linear e cronológica. Os modelos de moradias são inúmeros no tempo e no espaço, estando em constantes transformações, tanto na sua forma física, como no modo de habitar. As tecnologias, os materiais disponíveis, e os hábitos culturais, vão modelando o ambiente doméstico. Todavia persiste na ideia de casa, que a identifica como tal, um espaço de abrigar, seja um único morador ou um grupo familiar.

1.1.1 LIMITES DE PROTEÇÃO E EXPOSIÇÃO

É importante destacar que o abrigo não se restringe aos aspectos físicos. Há também uma dimensão subjetiva que permeia a questão do habitar. A percepção de proteção é sensibilizada, como defende Gaston Bachelard (2008): “[...] veremos a imaginação construir ‘paredes’ com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção – ou inversamente, tremer atrás de grossos muros, duvidar das mais sólidas muralhas” (pág. 25).

Paredes, muros e muralhas estão indubitavelmente associados à noção de limite, estabelecendo separações entre o que finda e aquilo que se inicia. Na visão fenomenológica de Bachelard, o lugar de moradia é uma organização desses limites com a função de transmitir a sensação de proteção, “agasalhado no regaço da casa” (ibidem, pág. 26) o habitante encontra-se protegido, fora dos assaltos do mundo externo.

Contudo, há outra perspectiva que enxerga a casa não como porto seguro, mas sim como reflexo do mundo, na qual estão contidos experiências e fragmentos da vida cotidiana que se relacionam com o espaço extramuros. No livro “A casa” de Jorge Marão Carnielo Miguel (2003), são apresentadas essas duas visões distintas presentes no pensamento de Rino Levi e Vilanova Artigas.

Para Rino, “sendo a cidade perigosa, agressiva, insegura, ruidosa, a casa deve estar em total oposição ao que ela apresenta, mostrando-se como abrigo de seres com laços familiares” (LEVI apud MIGUEL, 2003, pág. 22). Pensava a casa como um ambiente de “repouso para os nervos desgastados pela agitação da vida moderna” (ibidem, pág. 22), passando a ideia de enfermidade no espaço exterior que deve ser cuidada dentro da habitação.

Do contrário, a declaração de Artigas “as cidades como as casas, as casas como as cidades”³ (ARTIGAS apud MIGUEL, 2003, pág. 16) evidencia a cidade como uma extensão da casa, sendo esta referência para pensar o espaço público. As transformações

3 Leon Battista Alberti no segundo livro do “De re aedificatoria” faz citação semelhante ao relacionar os elementos da casa com a cidade: “*la città è come una casa grande, e la casa a sua volta una piccola città*” (ALBERTI apud OLIVEIRA, 2010, pág. 178).

de um determinado contexto cultural primeiro são manifestadas nas residências, tornando-se referências para outros projetos, como afirma Miguel, e daí compreende que a casa para Artigas deveria ter um sentido de pertencimento à cidade, e não uma fuga dela (MIGUEL, 2003).

Outras divergências conceituais sobre a importância do espaço externo estão presentes no estudo feito por Beatriz Colomina no livro “Privacy and Publicity” (1996), ao comparar residências de Adolf Loos e Le Corbusier. Diz Colomina que a arquitetura de Loos é mais intimista, voltada para o espaço interno, como o próprio afirma na passagem: “a casa não tem nada a dizer em relação ao exterior, do contrário, toda sua riqueza deve ser manifestada para o interior”⁴ (LOOS, apud COLOMINA, 1996, pág. 274, tradução nossa). E também em: “o homem culto não olha para o lado de fora da janela”⁵ (ibidem, pág. 297, tradução nossa).

Nas fotografias das casas projetadas por Loos, observa-se frequentemente que as janelas estão cobertas por cortinas e o mobiliário está disposto de forma que a pessoa sinta olhando para dentro, com o acesso à janela impedido (Imagem 5). Nas residências de Loos, a casa é fechada e alheia ao exterior, a janela é tão somente um dispositivo para entrar luz.

Imagem 5 - Interior intimista da Villa Müller (1930) de Adolf Loos, a janela coberta por cortina e com o sofá na frente voltado para dentro.
Fonte: Cutelilkittens.

4 C. o.: *the house does not have to tell anything to the exterior; instead, all its richness must be manifest in the interior.*

5 C. o.: *a cultivated man does not look out of the window.*

Le Corbusier define a casa como “um abrigo, um espaço fechado, que proporciona proteção contra o frio, calor e **observação externa**”⁶ (CORBUSIER apud COLOMINA, 1996, pág. 7, grifo da autora, tradução nossa). Esta última definição encontra respaldo nos pontos da nova arquitetura, mais precisamente na janela em fita. Nas fotografias de suas casas, não há cortina cobrindo as janelas, muito pelo contrário, as vistas são postas em evidências, a janela é moldura da paisagem externa (Imagem 6).

Imagem 6 - Janelas em fita da Villa Savoye de Le Corbusier.
Fonte: Fondation Le Corbusier.

Quando Corbusier afirma “o lado de fora é sempre um lado de dentro”⁷ (ibidem, pág. 330, tradução nossa). pode-se compreender que estar do lado de fora é estar dentro da imagem, vista a partir da casa. Aquilo que antes era uma ameaça no mundo externo é convertida em imagem no interior doméstico.

Independentemente do entendimento da casa como “proteção frente ao mundo e a casa como meio de identificação com esse mundo” (CAMARGO, 2010, pág. 31), percebe-se como a negociação entre os lados de dentro e de fora está presente no modo em que a habitação é concebida. Neste sentido, as aberturas, portas e janelas são mecanismos fundamentais na comunicação entre os dois lados.

Entretanto, com o advento da eletricidade o invólucro da casa adquire múltiplos poros. Através de cabos e ondas eletromagnéticas, o mundo exterior – não só aquele enquadrado

6 C. o.: *a shelter, an enclosed space, which affords protection against cold, heat and outside observation.*

7 C. o.: *le dehors est toujours un dedans.*

pela janela, mas tudo o que é passível de ser digitalizado e transformado em informação – coabita o interior doméstico. Os meios de comunicação possibilitaram novas formas de diálogos entre os limites da habitação, trazendo manifestações da exterioridade (ÁBALOS, 2008) rompendo fronteiras de tempo e espaço, com consequências no ambiente doméstico e na forma de habitar.

1.1.2 A INFORMAÇÃO EM CASA

As mídias de comunicação surgem nas casas a partir dos jornais, revistas e impressos, trazendo notícias e informações do mundo extramuros (Imagem 7). Nas mansões dos séculos do XIX não era rara a presença de lugares dedicados a livros, às vezes uma sala de leitura, gabinete ou mesmo biblioteca.

Ao longo de 70 anos

DESDE 1874 nosso público lê este jornal. Até a proclamação da República, era "A PROVÍNCIA DE S. PAULO". De 1890 em diante, passou a ser "O ESTADO DE S. PAULO". As gerações que se sucedem trazem o hábito de sua leitura diária: depois do café da manhã, "O ESTADO DE S. PAULO". Sem isso falta qualquer coisa de muito importante, o dia não é completo.

Com o tempo esse hábito ainda mais se foi aprofundando. O homem moderno, seja qual for a sua profissão, exerça onde exercer a sua atividade, não pode dispensar a leitura deste jornal. É o informador exato, o orientador seguro, o amigo silencioso e solícito que, todos os dias, vem colgar o mundo em nossas mãos. Faça como seu bisavô, como seu avô, como seu pai: tome uma assinatura de "O ESTADO DE S. PAULO".

Imagem 7 - Propaganda de 1944 do Estado de São Paulo exaltando que o jornal é "o informador exato, o orientador seguro, o amigo silencioso e solícito que todos os dias vêm colocar o mundo em nossas mãos".

Fonte: Reclames do Estadão.

O apreço pelos livros ainda persiste nas moradias atuais, é comum em fotografias de interiores a presença estratégica de um ou mais livros, como elemento de composição para o ambiente fotografado. Em alguns casos a presença do livro torna-se um fetiche. Apelando para um valor simbólico, profissionais decoradores compram livro por metro, combinando a cor da capa com a cor da parede⁸.

Uma característica das mídias impressas é o tempo do evento ocorrido e a sua impressão e comercialização, havendo um atraso entre o fato ocorrido e o fato noticiado. Com o advento da telecomunicação promovida pela eletricidade, inicia-se a aceleração do fluxo de informações e dados. A comunicação à distância torna-se imediata e instantânea.

Em apenas um século, os avanços tecnológicos cresceram exponencialmente, possibilitando o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos aparatos de telecomunicações, que se tornaram cada vez menores e mais acessíveis economicamente. No Brasil, a telecomunicação doméstica começa com a chegada do telefone no fim do século XIX, em seguida os aparelhos receptores de rádio em meados de 1920, a televisão em 1950, a telefonia móvel em 1990, e a internet de uso público em 1995. Gradativamente, as mídias e aparelhos de comunicação vão sendo difundidos pelo território nacional e adentrando os domicílios.

Além dos equipamentos citados anteriormente, o interior da casa também é um receptáculo de outros meios, como as publicações impressas, os álbuns de músicas, as fotografias, gravações de vídeo (Imagem 8). Uma grande diversidade de mídias e equipamentos eletrônicos tais como discos, fitas, CDs, DVDs, projetores, videogames, câmeras, aparelhos de fax, notebooks, tablets, entre outros ocupam lugares privilegiados nas salas, nos quartos, promovendo um universo infinito de lazer e entretenimento bem como acesso ao conhecimento e oportunidades de trabalho no espaço doméstico.

8 Matéria da Folha de São Paulo de 05/05/2013, “Sebos vendem livros por metro para decoração de escritórios e residências”, escrita por Letícia Mori.

Imagem 8 - Propaganda de 1919 exaltando a perfeição e nitidez da voz humana reproduzida pela “machina fallante” que “não deve faltar em nenhum lar”.
Fonte: Reclames do Estadão.

Essa nova experiência consagrada no século XX e potencializada no começo do XXI, expõe os moradores a um fluxo de sensações e estímulos originados em trilhas de circuitos integrados, chips, resistores, diodos, capacitores e em todo o universo fantástico da eletrônica. Tal experiência midiática no lugar de moradia é a exterioridade que Martin Heidegger condena em seus primeiros textos do pós-guerra: “a toda hora, em todos os dias, eles estão presos ao rádio e à televisão. Semana após semana, os filmes os transportam a insólitos, embora frequentemente vulgares, estados de imaginação e lhes dão a ilusão de um mundo que não é o mundo” (HEIDEGGER apud ÁBALOS, 2008, pág. 52). Heidegger defende a construção da casa existencial, um refúgio que protege o homem não só “dos agentes naturais [...] mas também do mundano e do superficial, dessa exterioridade sempre concebida como nociva” (ÁBALOS, 2008, pág. 51).

Na interpretação de Iñaki Ábalos sobre a casa existencial de Heidegger, argumenta que “a introdução do mundo da opinião – o rádio, a televisão, o jornal – no interior da casa configura uma violência ao habitar” (2008, pág. 52), pois a superficialidade do

cosmopolitismo aniquila a tradição e é nociva a família – que já não é mais a mesma e nutre outras ambições. Embora a veracidade das informações transmitidas, a qualidade dos conteúdos exibidos, as novas formas digitais de contato social, possam e devam ser criticadas, é fato que as manifestações de exterioridades já não podem ser dissociadas do ambiente de moradia.

A condição midiática da habitação é uma questão irreversível. O modo de vida urbano, preponderante em todo o mundo, está estruturado nas relações de comunicações. Ter uma conta de email ou um número de telefone é tão necessário quanto ter um registro de identidade. Estar apto a transferir dados, estabelecer contatos e ser comunicável não é apenas uma exigência profissional, mas também é uma demanda social que cada vez mais está presente nos gestos cotidianos.

Neste contexto, torna-se inconcebível a casa existencial de Heidegger, um abrigo apartado e protegido das radiações de mídia que penetram e também emanam do interior doméstico. É uma ideia radical que mostra o quanto estamos vinculados aos dispositivos comunicativos. Uma moradia pode até ser fisicamente protegida por vigias armados e cercas elétricas, mas dificilmente será do mundano, dos estímulos, informações e do fluxo de dados que permeiam a contemporaneidade.

A incorporação dos processos de telecomunicação na vida cotidiana não está restrita ao entretenimento. Eles abrangem uma gama diversa de atividades que passam por oportunidades profissionais, relacionamentos sociais, serviços bancários, compras e até mesmo procedimentos relacionados à obrigação civil com o Estado, os quais estão cada vez mais digitalizados, como a declaração de imposto, solicitação de documentos entre outros.

Nesse panorama, o espaço de moradia é permeado por conexões, ondas de rádio, ligações de cabos, sinais de telefonia móvel, com aberturas para os mundos de fora e de dentro, através das quais se infiltram sequências de informações. Esses orifícios digitais permitem a percepção de novas miragens, “sobrepondo os espaços do mundo em uma série de imagens na tela” (HARVEY apud PALLASMAA, 2011, pág. 21).

Entender a casa como uma plataforma de comunicação levanta questões sobre as definições dos limites dos espaços externo e interno, público e privado, pois ao levar o exterior para dentro, e o interior para fora, as bordas do espaço doméstico tornam-se imprecisas. Fatos pessoais são comumente compartilhados em redes sociais, de forma que já não há um consenso claro do que seja a esfera íntima. De forma análoga, da pequena janela do tablet é possível acompanhar em tempo real manifestações populares que ocorrem em qualquer lugar do planeta. Disso resulta que o espaço doméstico possui um envelope dinâmico, apesar de ser um corpo hermético de proteção, é também um ambiente imersivo de troca de informações. Esse abrigo de limites imprecisos é a casa porosa, o ambiente doméstico contemporâneo de múltiplos orifícios permeados por ondas eletromagnéticas de comunicação.

1.2 BREVE HISTÓRICO DAS MÍDIAS DE COMUNICAÇÃO

O ato de se comunicar está intrinsicamente relacionando com o desenvolvimento da sociedade. As grandes invenções no campo da comunicação provocaram transformações históricas irreversíveis. A invenção da escrita promoveu a expansão do conhecimento humano no tempo e espaço, registrando informações e desenvolvendo a linguagem. A impressão por tipos móveis de Gutenberg trouxe novo alento à escrita, permitindo a produção em massa de livros. Durante grande parte da história, a telecomunicação, ou comunicação à distância, era realizada por mensageiros, com grande tempo de espera entre o envio e o recebimento da mensagem. Com o advento da eletricidade muda tudo, surge a telecomunicação simultânea, e todo o globo está conectado, literalmente, por cabos submarinos de comunicação deitados no fundo dos oceanos (Imagem 9), possibilitando novas formas comunicativas e de se fazer presente no espaço.

Imagem 9 - Mapa de 1901 dos cabos submarinos de telegrafia.
Fonte: Wikimedia Commons.

No livro “Cibercultura”, Pierre Lévy (2010) citando Albert Einstein fala das três bombas que explodiram no século XX: a bomba atômica, a bomba demográfica, e a bomba das telecomunicações. Esta última teve o seu ápice com a propagação da rede digital de computadores, a internet, no fim do século passado.

As telecomunicações geram esse novo dilúvio por conta da natureza exponencial, explosiva e caótica do seu crescimento. A quantidade bruta de dados disponíveis se multiplica e se acelera. A densidade dos links entre as informações aumenta vertiginosamente nos bancos de dados, nos hipertextos e nas redes. [...] É o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecido das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contrapropagandas, a confusão dos espíritos. (ibidem, pág. 13).

É significativo que a bomba das telecomunicações explodiu no âmago do ambiente doméstico, nas salas de estar, nas cozinhas, copas, gabinetes e dormitórios. Como algumas propagandas da época anunciam (Imagem 10), os equipamentos de telecomunicação foram aperfeiçoados no campo de batalha e chegam às casas. Colomina afirma que as mídias modernas são tecnologias de guerra:

As mídias foram desenvolvidas como parte da tecnologia e instrumentação de guerra. [...] Depois da guerra, esta tecnologia foi gradualmente domesticada. Assim como os serviços regulares de empresas aéreas foram se estabelecendo pela Europa no começo da década de 1920, rádios e telecomunicações se tornaram eletrodomésticos.⁹ (COLOMINA, 1996, pág. 156, tradução nossa).

As mídias e telecomunicações foram usadas não só por tropas em fogo cruzado, mas também como propaganda, apropriada intensamente nos tempos de guerra para incutir ideais ou orientar a população (Imagem 11).

Na primeira metade do século XX, passada a guerra, os meios de comunicação de massa anunciavam uma diversidade de produtos que a então era das máquinas estava produzindo. O destino das campanhas de marketing, já impressos em catálogos, não tardou a chegar aos lares por ondas hertzianas. Certamente que as mídias de massa não surgiram com o propósito de publicidade, não obstante, foi um negócio oportuno que continua funcionando.

9 C. o.: The media were developed as part of the technology and instrumentation of war. [...] After the war, this technology was gradually domesticated. Just as regular airline services were being established through Europe at the beginning of the twenties, radios and telecommunications had become household items.

IMPORTANTES inovações estão surgindo no campo do rádio — novas técnicas e novos materiais exigidos pela guerra — e que asseguram aos aparelhos modernos grande alcance de som e assombrosa clareza.

Com a Vitória, essas inovações figurarão no seu novo Rádio Admiral — para proporcionar-lhe novo deleite e entretenimento.

O seu novo Admiral será um aparelho altamente satisfatório, de bela aparência, de esplêndido funcionamento e livre de desarranjos "tal como V. S. deseja". A Admiral conhece as suas exigências, e sabe como satisfazê-las. Vale a pena esperar por um rádio assim!

Imagem 10 - Propaganda do Radio Admiral de 1944, ressaltando as técnicas e inovações exigidas pela guerra que serão incorporadas nos novos rádios para proporcionar deleite e entretenimento ao ouvinte.

Fonte: Reclames do Estadão.

Imagem 11 - Cartaz de 1936 anunciando que toda Alemanha ouve o führer com o volksempfänger, o rádio do povo. - Fonte: Wikipedia.

Independentemente do modo em que é operada, é fato que as telecomunicações permitem à sociedade contemporânea o acesso à informação e conhecimento sobre todos os campos das ciências. As distâncias tornaram-se relativas, a bomba das telecomunicações encurtou os espaços e aboliu fronteiras.

Diferente de outros objetos da casa que tem aplicações objetivas – como a máquina lavadora de roupas – os equipamentos de comunicação trazem subjetividade e uma nova dimensão para o interior doméstico pela introdução de um mundo mais visível e transparente (LEMOS e LÉVY, 2010, pág. 60).

Mesmo já habituados por décadas em ver a reprodução da imagem em movimento e o contínuo desenvolvimento tecnológico, não deixa de ser surpreendente e maravilhoso que do outro lado do planeta um rosto possa ser visto e uma voz ouvida, sentado confortavelmente no sofá da sala.

Com base no que foi dito acima, pode-se observar dois aspectos importantes presentes nos meios de comunicação: o primeiro aspecto diz respeito às incríveis possibilidades comunicativas e de conhecimento para o gênero humano; o segundo está relacionado ao potencial de produzir desejos através de campanhas publicitárias visando à comercialização de produtos. Esses dois aspectos estão presentes no rádio, na mídia impressa, na televisão, na internet e no telefone. Ao mesmo tempo em que mescla fronteiras entre os espaços interno e externo da habitação, descortina-se uma oportunidade de oferecer produtos, serviços, ou mesmo incutir hábitos e pensamentos. Dessa forma, o interior de residências e apartamentos é equipado com janelas multimídias, multidimensionais, que são também outdoors.

As janelas e pontes que interligam os espaços domésticos e públicos, de forma instantânea e global, foram e são formadas principalmente pelo rádio, a televisão, o telefone e o computador conectado à internet. O rádio foi o primeiro equipamento de comunicação de massa a ser instalado nas casas. A televisão está presente, virtualmente, em todos os domicílios brasileiros. O telefone inaugurou um modo único de comunicação pessoal a partir do espaço doméstico, e com o telefone móvel, a partir de qualquer lugar. A

rede mundial de computadores revolucionou as formas comunicativas, e sua expansão ocorreu principalmente a partir de dentro da habitação, com os computadores pessoais, os quais, atualmente, englobam as outras três mídias citadas.

A seguir são abordados aspectos do processo de ocupação do rádio, televisão, telefone e computador no interior doméstico brasileiro. Também são destacadas influências das mídias mencionadas na configuração do espaço e no modo de habitar.

1.2.1 O RÁDIO

A rádio traz uma nova dinâmica ao ambiente doméstico pela voz sem corpo, que preenche os espaços da casa. Em 1922 é instalado o primeiro transmissor de rádio¹⁰ no Rio de Janeiro, durante as comemorações do Centenário da Independência. A partir de então, começa o desenvolvimento do rádio brasileiro. Uma central de transmissão envia um áudio codificado em ondas eletromagnéticas, as quais são decodificadas por receptores no conforto dos espaços domésticos.

Surge a primeira emissora do país em 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette Pinto. Inicialmente o rádio transmite uma programação erudita, incluindo óperas, músicas clássicas, conferências, aulas de idiomas, literatura, geografia, história natural entre outras (MOREIRA, 1991). O rádio era visto como um instrumento de educação e cultura, pois as dificuldades de acesso aos centros de conhecimento para as pequenas cidades e lugares mais afastados poderiam ser suprimidas através do alcance das ondas hertzianas.

Em 1932, o rádio recebeu autorização oficial para veicular anúncios, nasce aí o rádio comercial, que se expande com mais força. Grandes emissoras da época, como a Mayrink Veiga e a Philips no Rio de Janeiro, e a Record e a Cruzeiro do Sul em São Paulo, contratam artistas com pagamento regular de cachês, como Carmem Miranda e a sua irmã Aurora. Em 1936, as irmãs gravaram a marchinha “Cantores do rádio”, a letra fala do alcance geográfico e subjetivo do rádio:

10 A primeira transmissão radiofônica no Brasil acontece na cidade de Recife, em 1919. Em 1922, foi instalada a primeira emissora nacional, no Rio de Janeiro.

Nós somos as cantoras do rádio,
 Levamos a vida a cantar
 De noite embalamos teu sono
 De manhã nós vamos te acordar
 Nós somos as cantoras do rádio
 Nossas canções cruzando o espaço azul
 Vão reunindo num grande abraço
 Corações de Norte a Sul.
 Canto pelos espaços afora
 Vou semeando cantigas
 Dando alegria a quem chora
 (Cantores do rádio - Alberto Ribeiro, João de Barro e Lamartine Babo, 1936).

A possibilidade de receber informações e músicas de lugares distantes, de outros países e continentes, através do alto-falante do rádio era algo novo na época. No anúncio da General Electric de 1934 (Imagem 12) é exaltada a capacidade do rádio “falar” espanhol, francês e inglês, trazendo sons dos tangos de Buenos Aires, da moda de Paris, dos sucessos da Broadway e de Hollywood.

**Este camarada
fala todas as linguas!**

FALA-NOS espanhol cantando os últimos tangos de Buenos Aires, fala-nos francês dando-nos as últimas modas de Paris, fala-nos inglês dizendo-nos dos últimos sucessos da Broadway ou de Hollywood! E todas as outras linguas! Ponha em sua casa esse camarada ilustre que auxiliará e divertirá os seus ociosos e a aumentar a sua instrução.

Ouçe, o K-64 G. E., para crêr.

LOJAS GENERAL ELECTRIC, S. A.

Rádios

GENERAL ELECTRIC

FENTADO & CIA
L. GALLIGNANI

NOTARI & CIA
RIGUEIRO, MARCONDES & CIA

Imagem 12 - Propaganda de 1934 da General Electric antropomorfizando o rádio que fala todas as línguas: “ponha em casa este camarada ilustre que auxiliará a divertir seus ócios e a aumentar sua instrução”.
 Fonte: Reclames do Estadão.

Outro fato importante na história do rádio brasileiro foi a chegada em 1940 do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, o Birô Interamericano, para cooperação política e também para divulgar a cultura norte-americana. Os nomes dos programas de rádio passam então a adotar o nome da empresa anunciante. Assim, surge o Repórter Esso, o Teatro Goodyear, Recital Johnson, Calendário Kolynos, entre outros. Então, o rádio torna-se uma poderosa máquina de propaganda e fabricação de desejo. É a fase de ouro do rádio, provocando grande influência nos hábitos e costumes domésticos.

As radionovelas, em inglês *soap opera*, foram criadas nos Estados Unidos e direcionadas para as donas de casa, normalmente patrocinadas por anunciantes de sabão e sabonete, daí o nome, em tradução literal, opera de sabão. Elisabeth Taylor e Rita Hayworth (Imagem 13) eram garotas-propaganda dos sabonetes Lever. Em um jingle veiculado no rádio na década de 1940, diz o locutor: “faça como nove entre dez estrelas. Entregue sua cútis a espuma cremosa e perfumada do sabonete Lever. É econômico, e sua cútis fica mais suave, mais bonita, deslustrante como nunca” (Sabonete [...], 2014). O cinema, a mídia impressa e o rádio eram usados de forma integrada nos anúncios da época, empregando a beleza das atrizes famosas de Hollywood para vender produtos.

Imagem 13 - Propaganda de 1945 da Lever anunciando o sabonete da estrela de cinema Rita Hayworth.
Fonte: Reclames do Estadão.

Na década de 1920, os aparelhos receptores eram caros e importados. Os primeiros rádios se assemelhavam a uma mobília, alguns eram grandes, volumosos, feitos de madeira, com acabamentos que seguiam as tendências de estilo dos móveis domésticos. A partir de 1931, com o desenvolvimento do baquelite, uma resina inteiramente sintética, foi possível a produção industrial do rádio com o gabinete de plástico, barateando o seu preço e diminuído de tamanho (Imagem 14). Mesmo sendo de plástico, era comum o uso da cor semelhante a madeira, as vezes com uma geometria característica do Art Déco, trazendo alguns elementos decorativos que remetem ao automóvel.

Imagem 14 - Propaganda do rádio Philips de 1956 destacando que “seu peso levíssimo facilita o uso em qualquer lugar da casa. Caixa de baquelite de linhas modernas, que resiste ao calor e não deforma”.

Fonte: Reclames do Estadão.

Na cozinha, no quarto de costura, no dormitório, na dependência da empregada... um rádio sempre à mão! E quanto prazer e conforto proporcionar! Este rádio PHILIPS mod. BR 115-U, reúne as mesmas notáveis qualidades dos aparelhos da linha SUPER M, e foi feito para durar como duram os rádios Philips! Seu peso levíssimo facilita o uso em qualquer lugar da casa. Caixa de baquelite de linhas modernas, que resiste ao calor e não deforma.

Diversos modelos e marcas de receptores, nacionais e importados surgem no mercado, afirmando a conquista do rádio no espaço doméstico, pois o destino final desses equipamentos não eram outro senão as casas, os lares. Segundo afirma Carlos Lemos no livro “História da Casa Brasileira”, o rádio “entrou na casa pela copa [...] os primeiros aparelhos tipo ‘capelinha’ aninharam-se em cima dos guarda-comidas para entreter os familiares à volta da mesa, especialmente atentos às rádio-novelas” (1996, pág. 66). E no

livro “Cozinhas, etc” (1976), Lemos fala que a copa “ganhou mais um habitante, o rádio [...] Surgiram inclusive as peças teatrais irradiadas, aos domingos, na hora do almoço e quanta macarronada não foi consumida entre lágrimas provocadas pelo velho Manoel Durães” (pág. 154).

No samba “Juracy”, de Antônio Almeida e Ciro de Souza, gravado em 1941, o rádio é citado como uma característica importante da casa. Na letra da música entende-se que a sua presença adiciona um significado que colabora para que a casa seja “um amor”. Além do rádio, também são mencionados a geladeira e o ventilador, evidenciando a importância dos eletrodomésticos no espaço de moradia, ainda na primeira metade do século passado:

Eu trabalhei durante o ano inteiro
E consegui juntar algum dinheiro
Fiz uma casa que é um amor
Pois tem rádio e geladeira e ventilador
(Juracy - Antônio Almeida e Ciro de Souza, 1941).

Uma característica típica dos primórdios do rádio era o uso exclusivo do receptor sem integração com outros equipamentos. Posteriormente é lançado o rádio-fonógrafo, ou radiofono (Imagem 15), combinando o rádio com a reprodução de discos. Com o desenvolvimento tecnológico, o receptor de rádio foi se reduzindo até tornar-se um chip, e passa a integrar-se com outros equipamentos. Em seguida há o advento do três-em-um, que combina radio, fita-cassete, toca-discos e mais tarde o CD-player. Há também o rádio-despertador (Imagem 16), o portátil Walkman, e mais recentemente, o telefone celular com rádio, entre outros equipamentos que se integraram com o rádio.

Diferentemente das mídias impressas que demandavam pessoas alfabetizadas, o ouvinte do rádio não precisa ser letrado para entender as notícias ou se divertir com as músicas e radionovelas. Apesar da instalação do rádio provocar uma mudança cultural e de hábitos, a sua participação no programa de necessidades da habitação é insignificante:

O rádio foi importante, mas como ele podia ser ouvido de qualquer lugar não exigia necessariamente alterações no programa de necessidades, e tampouco providências especiais de caráter arquitetônico. (Lemos, 1996, pág. 72)

Todavia, o rádio inaugurou na casa uma janela potente, que permite o acesso a outras realidades, principalmente em uma época e regiões onde os recursos eram mais escassos. Essa janela foi potencializada com a chegada da televisão. Era o fim da Era do Rádio – mas não é o fim do rádio, que ainda continua sintonizado em ondas eletromagnéticas e também conectado à internet.

Imagem 15 - Propaganda de 1957 da Standard Electric, enfatizando a posse e o uso individual do radiofono: “posso tocar todos os meus discos... e ouvir meus programas favoritos”. No anúncio, o equipamento é considerado como uma peça do mobiliário: “lindo móvel em marfim ou imbuia que ressalta a beleza do ambiente. Fonte: Reclames do Estadão.

Imagem 16 - Propaganda de 1974 da Philco anunciando que “daqui para frente você vai acordar alegre, ouvindo música. Ouvindo o Rádio Relógio Digital Philco”. Fonte: Reclames do Estadão.

1.2.2 A TELEVISÃO

A televisão adicionou imagens em movimento a já conhecida reprodução de áudio, causando “as mais diferentes reações ao ver as imagens que agora saiam daquela caixa de madeira” (BARBOSA, 2010, pág. 28). Foi o início de uma duradoura relação com o mundo audiovisual dentro de casa, que logo se tornou um hábito brasileiro.

Já em 1944, em um anúncio da General Electric na revista Seleções do Reader's Digest (Imagem 17), a televisão era anunciada como uma grande invenção da eletrônica – “uma ciência nova para um mundo novo” – profetizando que amanhã “presenciaremos, comodamente sentados em nossas casas” eventos esportivos, culturais, óperas, filmes e imagens da natureza.

A Eletrônica trará a Televisão ao nosso Lar

MEIO século já transcorreu desde que a primeira mensagem radiotelegráfica foi transmitida. Hoje, a rádio-difusão leva às mais longínquas fronteiras da terra as notas de uma sinfonia ou as últimas notícias das frentes de batalha.

Amanhã, por meio da televisão, presenciaremos, comodamente sentados em nossa casa, um jogo de futebol, ou o vistoso espetáculo de um corso carnavalesco. Acompanharemos o intrépido explorador em suas viagens através das selvas ou seguiremos o vôo de um avião sobre os cumes dos Andes...

Faz anos que a General Electric vem construindo aparelhos transmissores de televisão para uso experimental. Da sua estação WRGB, em Schenectady, uma das maiores do mundo, são irradiados atualmente programas recreativos e culturais.

Depois da Vitória, graças a experiência adquirida durante os anos de guerra, os receptores de televisão General Electric permitirão V.S. convidar à sua casa, seus amigos e parentes para assistir uma ópera ou um filme cinematográfico transmitido por televisão.

RÁDIO • Eletrônica • TELEVISÃO

ELETRÔNICA—Uma ciência nova para um mundo novo.

Um interessante folheto de 32 páginas, em português, impresso em lindas cores, descreve a história da televisão e outras invenções eletrônicas. Peça-o ao distribuidor local da General Electric ou à International General Electric Co., Inc., Electronics Dept., Schenectady, N. Y., E.U.A.

GENERAL ELECTRIC

EL-4-48DP

Imagem 17 - Propaganda de 1944 da General Electric antecipando a chegada da televisão.

Fonte: Seleções do Reader's Digest.

Diferente do rádio, a televisão é instalada no Brasil não só como um meio de comunicação mas também como um veículo de propagandas. O apoio econômico dos anunciantes, que pagaram antecipadamente por um ano de anúncios, possibilitou a Assis Chateaubriand implantar a primeira televisão no país em 1950 (BARBOSA, 2010, pág. 17) (Imagem 18).

[...] faz-se um bouquet de aço e pendura-se no alto da torre do Banco do Estado de São Paulo um sinal da mais subversiva máquina de influir na opinião pública – uma máquina que dá asas à fantasia mais caprichosa e poderá juntar os grupos humanos mais afastados.¹¹ (CHATEAUBRIAND apud BARBOSA, 2010, pág. 19).

Nos anúncios dos primeiros receptores de televisão, assim como nos dos rádios, é comum o emprego da palavra casa e lar, evocando que é possível conhecer os lugares do mundo, ver jogos, desfiles de carnaval¹², filmes, notícias, e se divertir com as imagens em movimento a partir do conforto doméstico (Imagem 19). A relação do espaço de moradia com o mundo exterior ganha uma nova perspectiva com a instalação do “bouquet de aço”. A partir de então há uma aproximação de imagens sobre o que já se sabe e é próximo, como também dos “lugares desconhecidos, distantes, envoltos em uma atmosfera de sonho, que o novo invento colocaria definitivamente **na casa** daqueles que ‘comodamente’ sentassem diante da televisão”. (BARBOSA, 2010, pág. 22, grifo nosso).

No início, a televisão no Brasil herda do rádio a programação, os atores, músicos e o público que passa então a conhecer os rostos de vozes já conhecidas. O programa Repórter Esso, a “testemunha ocular da história”, noticiou por 30 anos a partir do rádio e findando na TV. Na década de 1960 cresce consideravelmente o número de aparelhos como também se expandem as emissoras, e a televisão começa a se estabelecer como veículo de massa. Vai ao ar em 1963 a primeira telenovela diária “2-5499 Ocupado” na TV Excelsior, e foi se constituindo uma rotina com horários fixos para assistir aos programas:

A dona de casa sabia perfeitamente que todo dia, às oito da noite, tinha novela. A telenovela passava a fazer parte do cotidiano nacional e virava mania. Famílias inteiras acompanhavam os capítulos do chamado “folhetim eletrônico”. (Brandão, 2010, pág. 54)

11 Trecho do discurso inaugural da TV Tupi por Assis Chateaubriand em 18 de setembro de 1950.

12 Apesar de anunciadas precocemente, as transmissões ao vivo só vão ocorrer na década de 1970.

Imagem 18 - Registro da primeira transmissão da televisão brasileira em 1950, com o aparelho instalado de forma improvisada no canto da sala, sem o mobiliário adequado.
Fonte: Assembleia Legislativa de São Paulo.

Receba o Rei Momo
em sua casa...
através de um **PHILCO**

Rei Momo, o absoluto, já chegou, estabelecendo o reinado da alegria! Agora, toca a pular, bailar, cantar, tomando conta das ruas e dos salões, sem sair de casa! É só ligar o seu PHILCO na onda carnavalesca que impera em toda parte!

3111 - Philco Tropic
6 válvulas, com sintonização duplificada. Grande potência e stúdio na recepção. Pequeno gabinete de madeira climatizada. Odeia som e a língua.

3114 - Philco Tropic
5 válvulas, com 2 faixas de sintonia. Devido ao restrição de espaço, a realista sintonia, para recepção de ondas de longa, média e curta. Gabinete moderno, em madeira climatizada.

Magistral modelo de mesa
Tubo de 17" e 20" - "Belvedere Screen", exclusivo da Philco, para realismo e nitidez de imagem. 25 válvulas, incluindo a sintonizadora.

Veja no Revendedor **PHILCO**
mais próximo de sua casa o
modelo **PHILCO**
mais do seu agrado!

PHILCO
De Jovem
Mundial
de Qualidade

Imagem 19 - Propaganda de 1952 do televisor Philco, anunciando o reinado da alegria carnavalesca "tomando conta das ruas e dos salões sem sair de casa".
Fonte: Reclames do Estadão.

UM BOM CONSELHO: FAÇA SUA "LÍCIA DE CASA" ANTES DO HORÁRIO DOS SUPER-HEROIS DA

TV BANDEIRANTES CANAL 13

A PARTIR DO DIA 15 DIARIAMENTE, DE 16:30 AS 17:30 HORAS!
A partir de hoje, a programação infantil da TV Bandeirantes Canal 13.

Imagem 20 - Anúncio de 1967 de programação infantil sugerindo um horário na rotina das crianças.
Fonte: Reclames do Estadão

O hábito de assistir TV incorporado na rotina diária não era restrito aos adultos. Em um anúncio de 1967 da TV Bandeirantes com imagens do Capitão América, Super-homem, Pernalonga entre outros desenhos e super-heróis, o texto aconselha as crianças fazerem suas tarefas escolares “antes do horário dos super-heróis” (Imagem 20).

A sala de visita passa a ser o centro da casa, atraindo os chamados televisinhos que se aglomeravam ao redor do novo equipamento. Carlos Lemos fala que “a televisão foi a responsável pelas fundamentais alterações na vida íntima das famílias, com óbvios reflexos na organização espacial, o que o rádio fora incapaz de efetuar” (1996, pág. 72). Como o rádio só emite sons, não necessita de um lugar dedicado para ser ouvido, mas as imagens em movimento da televisão sim, “porque fixa o espectador em um determinado lugar e por muito tempo” (LEMOS, 1996, pág. 72). Logo ela se incluiu no rol de funções de casa, solicitando um espaço pra si com mobiliários apropriados para assistir com conforto o conteúdo televisionado.

Fica patente a importância da televisão quando de modo semelhante as casas em várias partes do mundo passam a se reorganizar em função dela, como afirma Zabalbeascoa: “o papel preponderante que durante séculos a antiga chaminé havia ocupada no coração dos salões passou a ocupá-lo a televisão [...] A casa tinha um novo coração. E os móveis, e sua distribuição, se ordenaram para abraçá-la e contemplá-la”.¹³ (2011, pág. 208, tradução nossa).

Em 1969, é criado o primeiro programa de notícias transmitido em rede para todo o país, o Jornal Nacional da TV Globo, que contava com uma infraestrutura que possibilitou transmitir o mesmo sinal simultaneamente para diversas regiões.

[...] não foi apenas por ser exibido em rede que o “Jornal Nacional” se diferenciou de outros telejornais. O telejornal adotava um conceito de jornalismo diferente. Era produzido para a família brasileira, reunida no ambiente doméstico, e usava uma linguagem mais direta e coloquial. (Ribeiro e Sacramento, 2010, pág. 115).

13 C. o.: *El papel preponderante que durante siglos había ocupado la antigua chimenea en el corazón de los salones pasó a ocuparlo la televisión [...] Con la tele, la casa tenía un nuevo corazón. Y los muebles, y su distribución, se ordenaron para abrazarla y contemplarla.*

Posteriormente surgiram mais programas com distribuição nacional. Ao unificar a transmissão, originadas a partir do eixo São Paulo e Rio de Janeiro, os milhares de telespectadores em suas casas nas diversas regiões do território nacional recebiam a mesma informação, no mesmo horário, padronizando costumes e influenciando opiniões

A tecnologia da indústria televisa segue se aperfeiçoando, tanto nos complexos equipamentos de gravação e transmissão presentes nos estúdios, como também na extremidade dessa cadeia, as telas nos ambientes domésticos. Em 1972 inicia-se oficialmente a transmissão colorida na televisão brasileira. As telas ganham mais vida, e as imagens em preto e branco vão sendo gradualmente substituídas por um espectro em cores. Os chuviscos e ruídos vão desaparecendo, as imagens e o som transmitidos tornam-se cada vez mais nítidos.

Os antigos e volumosos televisores de tubo de raios catódicos, o CRT (*Cathode Ray Tube*), vão perdendo profundidade e aumentando a largura no fim dos anos 90 com a chegada das telas de cristal líquido, o LCD (*Liquid Crystal Display*). Agora as televisões extremamente finas, podendo chegar a um centímetro de espessura, são fixadas semelhantes ao um quadro, diretamente na parede.

Embora inventado na década de 1950, o controle remoto só se popularizou no Brasil 30 anos depois. O invento possibilitou permanecer mais tempo sentado, ao alternar entre os diversos canais sem sair do sofá, como diz a frase do anúncio (Imagem 21) “troque os pés pelas mãos”. Com esse dispositivo na mão, o morador tem mais conforto, gastando o mínimo de esforço para ajustar o conteúdo da tela de acordo com seu interesse.

Na década de 1990 tem início a TV por assinatura, ampliando abundantemente os canais disponíveis. A paisagem da janela televisa pode imediatamente transformar-se em um desenho infantil, filme de cowboy, documentário sobre leões, cultos evangélicos, venda de eletrodomésticos, receitas culinárias, videocliques musicais e outras formas criativas de atrair atenção dos telespectadores, a qualquer hora do dia ou da noite.

Troque os pés pelas mãos.

Telefunken

Tal uma boa proposta: ficar sentado, enquanto as mãos pressionam as teclas, controlando tudo. Afinal, uma tarefa é o mesmo lugar ou design. Outra tarefa é a mesma escolha: sem precisar pelos canais intermediários. Afinal, mas o que é este novo volume? Mais um aperfeiçoamento e a confirmação de que a gente gosta. O brilho também é controlado por tecla. No verdadeiro controle remoto Telefunken é o que apresenta o maior número de funções. Tem até uma tecla que elimina o som quando é conveniente e o restitui quando você quer, no mesmo volume anterior, chama-se pausa sonora.

O controle remoto Telefunken foi projetado para os modelos de 51 cm (20") e 66 cm (26"). Possui seletor de canais por sensores, circuitos integrados, regulador automático de volume e um sistema de outros componentes de nomes sofisticados, que produzem o que interessa: imagem e som perfeitos. Tem por fim um argumento que é útil: convencer a usar estes televisores.

TV M430R 66cm (26")

serão fabricados pela empresa que inventou o sistema PAL de transmissão colorimétrica. É mais difícil alguém entender mais de televisão, mas a Telefunken está na hora de mostrar o que é capaz de fazer. É comprar Telefunken com controle remoto.

TELEFUNKEN
inventou o sistema PAL - faz o melhor televisor.

Imagem 21 - Propaganda da Telefunken de 1978 anunciando as vantagens do controle remoto.
Fonte: Reclames do Estadão.

À medida que se torna mais presente nas diversas classes sociais, “a televisão também foi invadindo as zonas de repouso, instalando-se nos dormitórios, aos pés das camas” (LEMOS, 1996, pág. 73). Em 1950 um aparelho de televisão custava quase o preço de um automóvel, atualmente existem modelos pela metade de um salário mínimo. Em diversos domicílios, a televisão torna-se um item pessoal, principalmente quando há tantas opções de canais, torna-se difícil conciliar interesses.

Em alguns domicílios são projetados ambientes especializados para a mídia televisiva, como a sala de TV, onde se pode, confortavelmente, passar horas assistindo os conteúdos televisivos. Entra em cena o cinema em casa, o *home theater*, com a instalação de grandes televisores ou projetores de alta definição amparados pelo sistema *surround* de som em cinco ou mais canais (Imagem 22), com caixas de som que literalmente envolve o usuário e imerge-o em uma experiência audiovisual sedutora, como em uma sala de cinema, mas dentro de casa.

Milhões de brasileiros, religiosamente, cumprem o ritual diário de acompanhar os ininterruptos capítulos reais e ficcionais cuidadosamente programados. A televisão definitivamente instalou uma abertura no espaço de moradia, e graças às redes digitais de comunicação, continua se expandindo. Grandes empresas da computação, como a Intel, Google, Apple, Microsoft desenvolvem pesquisas visando novas formas de oferecer e experimentar o conteúdo televisivo (Imagem 23).

Imagem 22 - Esquema de posicionamento dos equipamentos em um *home theater* com sistema de som *surround* de sete canais.
Fonte: Dolby Laboratories.

Imagem 23 - O equipamento Apple TV possibilita reproduzir na televisão o conteúdo de computadores, *tablets* e telefones celulares.
Fonte: Apple.

1.2.3 O TELEFONE

O primeiro equipamento de telecomunicação que ocupa o ambiente doméstico brasileiro é o telefone no fim do século XIX. A invenção possibilitou pela primeira vez que duas pessoas pudessem conversar por voz através de um aparelho, enviando e recebendo informações em tempo real (Imagem 24).

Imagem 24 - Propaganda de 1909 do telefone de parede com alcance ainda limitado a até 500 quilômetros. Fonte: Reclames do Estadão.

Apropriado para distancias até 500
kilometros. Temos um completo **SOR-**
TIMENTO de sobressalentes.

Superou as capacidades comunicativas do telégrafo – que enviava mensagens escritas e não teve repercussão no espaço doméstico – ao amplificar o alcance da voz, possibilitando uma comunicação remota mais eficiente e imediata. Indubitavelmente, o telefone instalou uma nova forma comunicativa no espaço de moradia, possibilitando a troca de mensagens de casa para qualquer parte do mundo (Imagem 25), e de modo instantâneo (Imagem 26).

Todavia, apesar de ter sido inventado antes do rádio, o telefone só tornou-se popular em meados da segunda metade do século XX, com o aumento e distribuição das linhas telefônicas, que eram literalmente cabeadas até a porta da casa. Inicialmente, devido ao alto custo da instalação do aparelho, só a camada mais favorecida podia ter o privilégio de possuir um telefone em casa. Paulatinamente a telefonia foi sendo ampliada e o aparelho aperfeiçoado, deixando de ser um modelo de parede para se tornar um pequeno aparelho de mesa.

"Bôas Festas, Mamãe!..."
AQUI E' FRANCISCO;
ESTOU FALANDO
DO BRASIL!"

PREÇOS REDUZIDOS DE 50% PARA AS FESTAS
de 21 de Dezembro a 6 de Janeiro, inclusive.

MESMO estando a milhares de quilômetros de distancia, V. S. poderá dar seus votos de "Bôas Festas" e "Feliz Ano Novo" de viva voz, pelo telefone transatlântico. A RADIOBRAS reduziu 50% nos preços para chamadas especiais de "Bôas Festas" (limitadas a 3 minutos) para a França, Alemanha, Itália e Espanha (só Madrid). Para se obter uma chamada de "Bôas Festas" especial peça à "telefonista de interurbano" uma ligação de "Bôas Festas via Radiobras".

Os assinantes em São Paulo podem pedir informações diretamente à VIA RADIOBRAS, chamando o telefone 2-1043.
Peça VIA

RADIOBRAS

CIA. RADIOTELEGRAPH. BRASILEIRA
SÃO PAULO
Rua Quitanda, 6 - Tel. 2-1043

Imagem 25 - Propaganda de 1933 da Radiobras anunciando a possibilidade de desejar votos "de viva voz" pelo telefone transatlântico. O modelo da imagem é do tipo castiçal.
Fonte: Reclames do Estadão.

**CONSIGO
ESTAR EM
DOIS
LUGARES**

Ao mesmo tempo!

GRAÇAS AO TELEFONE INTERNACIONAL

Imagem 26 - Propaganda de 1946 divulgando a capacidade onipresente do telefone. O modelo usada já é um telefone de mesa.
Fonte: Reclames do Estadão.

Depois de quase um século da implantação da primeira linha no Brasil, em 1977 foi atingido o número de 4,5 milhões de telefones em serviço (História [...], 2014). Como comparação, o número de televisões em 1975 era de 10,5 milhões de aparelhos (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010), 25 anos após a primeira transmissão de TV. Mesmo ainda não tendo um poder de penetração como o da televisão, o telefone fixo era um equipamento desejado, com uma longa fila de espera para ter o equipamento instalado no domicílio. O recurso de efetuar uma chamada, seja no mesmo bairro ou do outro lado do planeta, para conversar com um ente querido ou resolver negócios, tornou-se essencial em uma época que não dava mais para esperar o longo tempo de escrever e receber uma carta (Imagem 27).

Imagem 27 - Propaganda de 1968 destacando a possibilidade de realizar chamadas internacionais para qualquer parte do mundo, anunciada como um presente inesquecível para os parentes que moram distante.
Fonte: Reclames do Estadão.

Se no início da sua disseminação o telefone se restringiu ao uso comercial e as conversas eram mais restritas aos homens, com o decorrer do século isto alterou-se completamente, tornando-se o telefone fixo comutado uma das principais formas de contato direto e que está presente em todas as esferas da sociedade, seja no domínio econômico, comercial, estatal, governamental, privado, familiar, individual. (ALKMIM, 2008, pag. 3)

O lugar de uso do telefone era restrito à tomada de conexão, posteriormente surgem os pontos de extensões, espalhando o telefone pelas salas e quartos. Com a presença do telefone sendo intensificada, passa a existir um mobiliário específico, como a mesa com o assento acoplado e com uma gaveta ou prateleiras para guardar a lista telefônica.

Com o telefone foi possível uma forma de intercâmbio de mensagens pela extensão do corpo, através da voz que se estende pela fiação telefônica e fala como em sussurro, diretamente no ouvido daquele que está do outro lado da linha. Como diz Pierre Lévy, “por meio desse contato corporal, toda uma dimensão afetiva atravessa ‘interativamente’ a comunicação telefônica” (LÉVY, 2010, pág. 83), causando o encontro de corpos distantes.

Quando o telefone sem fio torna-se disponível, a partir da década de 1980, não há mais necessidade de conversar próximo à tomada de conexão, o telefone pode ser usado pelos ambientes da casa, onde for mais conveniente. Além da mobilidade o aparelho vai incorporando outras novidades, como agenda telefônica, exibição de data e hora, identificador de chamadas, que possibilitou saber antecipadamente de onde estava sendo originada a chamada, e a secretária eletrônica, para gravar recados de ligações não atendidas durante a ausência do usuário.

O telefone público torna-se popular no Brasil em 1972 com o lançamento do famoso “orelhão”, projetado pela arquiteta Chu Ming Silveira (Imagem 28), o qual foi rapidamente incorporado no mobiliários urbano. O espaço público tornou-se mais comunicável graças ao telefone comunitário, que além fazer chamadas, também recebia, estabelecendo diálogos com o espaço doméstico através de fios telefônicos. Foram distribuídos telefones públicos nos centros urbanos como em lugares mais afastados, incorporando segmentos sociais, ampliando a cobertura da comunicação, e massificando sua utilização (ALKMIM, 2008). Até que chegou o telefone celular exercendo influência na progressiva diminuição do uso e do número de “orelhões” pela cidade.

Imagem 28 - Projeto original do telefone público “Orelhão” de Chu Ming.
Fonte: orelhao.arq.br.

Em 1990 é implementada a telefonia móvel no Brasil. Além de permitir a comunicação em qualquer parte do espaço doméstico, possibilitou também a troca de informações e mensagens SMS (*Short Message Service*) em qualquer parte do espaço público.

Anteriormente, uma forma de localizar e conversar com alguém era ligar pra casa, às vezes em horário específico, como depois do expediente de trabalho. Com o telefone celular tal prática não é mais necessária, pois em qualquer momento do dia é possível estabelecer comunicação. Nesse sentido, a telefonia móvel inaugura a onipresença na vida cotidiana. Graças a sua capacidade nômade, de falar e ouvir em qualquer lugar, alargar as dimensões da habitação (Imagem 29).

Imagem 29 - Desenho de Karl Arnold de 1926, prevendo o hábito de usar o telefone móvel no espaço público.
Fonte: Wikipedia.

Quando o telefone celular torna-se inteligente (os *smartphones*), no início do século XXI, e se conecta nas redes digitais, não só os limites da casa que são novamente ampliados, mas do próprio ser humano que incorpora uma poderosa ferramenta de comunicação e se torna ubíquo.

Inicia-se uma relação visceral com a imagem pela câmera fotográfica do telefone que inunda as redes com uma quantidade massiva de registros fotográficos pessoais e do cotidiano. Estima-se o número de 500 milhões de fotos compartilhadas por dia, só no Facebook são mais de 350 milhões de imagens enviadas diariamente (A Focus [...], 2013). Nasce desse contexto possibilidade criativas e novas formas de entendimento da fotografia, gerando hábitos e costumes relacionados à apropriação da imagem, a partir de um aparelho telefônico (Imagem 30).

Imagem 30 - Smartphone equipado com zoom óptico oferece mais recursos e qualidade fotográfica.

Fonte: Samsung.

1.2.4 O COMPUTADOR E A INTERNET

O computador pessoal, o PC (*Personal Computer*) já estava presente no Brasil desde os anos 1980 (Imagem 31). Conhecido como desktop, o computador de mesa, era formado por um gabinete com a unidade central de processamento, a CPU (*Central Processing Unit*), o monitor de vídeo CRT e o teclado e mouse, ocupando um grande volume. No início da década de 1990 torna-se popular entre os poucos usuários de computador um sistema de conexão em rede muito embrionário conectado por linha telefônica, chamado de BBS (*Bulletin Board System*). Mas é a partir da disponibilização da internet pública que a rede expande a trama e o número de nós. O computador rapidamente vai se multiplicando nos lares, com maior poder de processamento e economicamente mais acessível.

Antecipado pela televisão, que trouxe a visualização da imagem em movimento como hábito doméstico, o uso do computador conectado em redes digitais possibilita não só uma infinidade de observações externas, mas também a comunicação, serviços e trocas de conhecimentos, em uma escala planetária e instantânea. É a afirmação da Era da Informação, formada com o auxílio de uma legião de computadores conectáveis, a partir dos espaços de moradia.

Imagem 31 - Propaganda de 1985 do computador CP400, anunciando o “computador pessoal de tempo integral, útil para a família toda, o dia inteiro”.
Fonte: Museu da Computação e Informática.

CP400
MICROCOMPUTADOR COLOR

VOCÊ TEM QUE ESTAR PREPARADO PARA SE DESDESVIAIR COM OS NOVOS TEMPOS QUE ESTÃO ALI. O CP-400 COLOR É A CHAVE DESSA EVOLUÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL.

POR QUÊ?
PORQUE O CP-400 COLOR É UM COMPUTADOR PESSOAL DE TEMPO INTEGRAL. ÚTIL PARA A FAMÍLIA TODA, O DIA INTEIRO. NA HORA DE SE DIVERTIR, POR EXEMPLO, É MUITO MAIS EMOCIONANTE PORQUE, ALÉM DE GERENCIAR JOGOS INÉDITOS, É O ÚNICO COM 2 JOYSTICKS ANALÓGICOS DE ALTA SENSIBILIDADE, QUE PERMITEM MOVIMENTAR AS IMAGENS EM TODAS AS DIREÇÕES, MESMO NA HORA DE TRABALHAR E ESTUDAR. O CP-400 COLOR MOSTRA O SEU LADO SÉRIO: MEMÓRIA EXPANSÍVEL, PORTA PARA COMUNICAÇÃO DE DADOS, SAÍDA PARA IMPRESSORA, E UMA ÓTIMA NITIDEZ COM IMAGENS COLORIDAS. COMO SE TUDO ISSO NÃO BASTASSE, A PROLOGICA AINDA OFERECE A GARANTIA DE QUALIDADE DE QUEM LIDAR NA TECNOLOGIA DE COMPUTADORES, E O PREÇO MAIS ACESSÍVEL NA CATEGORIA.

NUMA FRASE: SE VOCÊ NÃO QUISER CHEGAR ATRASADO AO FUTURO, COMPRE SEU CP-400 COLOR IMEDIATAMENTE.

EMOÇÃO E INTELIGÊNCIA NUM EQUIPAMENTO SÓ.
• MICROPROCESSADOR: 6800E COM

ESTRUTURA INTERNA DE 16 BITS E CLOCK DE FREQUÊNCIA DE ATÉ 1,6 MHz.
• POSSIBILITA O USO DE ATÉ 9 CORES, E TEM UMA RESOLUÇÃO GRÁFICA SUPERIOR A 49.000 PONTOS.
• MEMÓRIA ROM: 16K BYTES PARA SISTEMA OPERACIONAL E INTERPRETADOR BASIC.
• MEMÓRIA RAM: O CP-400 COLOR ESTÁ DISPONÍVEL EM DOIS MODELOS:
• MODELO 16K: EXPANSÍVEL A 64K BYTES.
• MODELO 64K: ATÉ 64K BYTES QUANDO USADO COM DISQUETES.
• O CP-400 COLOR DESPOJE DE CARTUCHOS DE PROGRAMAS COM 16K BYTES DE CAPACIDADE, QUE PERMITEM O CARREGAMENTO INSTANTÂNEO DE JOGOS, LINGUAGENS E APLICATIVOS COMO: BANCO DE DADOS, PLANILHAS DE CÁLCULO, EDITORES DE TEXTOS, APLICATIVOS TRANSFERÍVEIS, APLICATIVOS GRÁFICOS, ETC.
• SAÍDA SERIAL RS 232 C QUE PERMITE COMUNICAÇÃO DE DADOS. ALÉM DO QUE, ATRAVÉS DESTA PORTA, VOCÊ PODE CONECTAR

QUALQUER IMPRESSORA SERIAL. OU, ATÉ MESMO FORMAR UMA REDE DE TRABALHO COM OUTROS MICROS.
• PORTA PARA GRAVADOR CASSETTE COM GRAVAÇÃO E LEITURA DE ALTA VELOCIDADE.
• SAÍDA PARA TV EM CORES E MONITOR PROFISIONAL.
• DUAS ENTRADAS PARA JOYSTICKS ANALÓGICOS QUE OPERAM INFINITAS POSIÇÕES NA TELA, ENQUANTO OUTROS TEM SOMENTE 8 DIREÇÕES.
• AMPLA BIBLIOTECA DE SOFTWARE JÁ DISPONÍVEL.
• ALIMENTAÇÃO: 110-220 VOLTS.

VEJA, TESTE E COMPRE SEU CP-400 COLOR NOS MAGAZINES E REVENDIDORES PROLOGICA.

TECNOLOGIA PROLOGICA

CP
COMPUTADORES PESSOAIS

AV. POTOSI, 1000 - 1305 - 13000000
F. (011) 507-1000 - P. (011) 507-1001

QUEM TEM UM, TEM FUTURO.

O que o jornal, rádio e televisão têm em comum é que todos são estruturados por uma fonte de emissão e distribuição de conteúdo, e o usuário só recebe a informação, mesmo que eventualmente disponha de algum sistema de participação e interação. O telefone fixo possibilita tanto a emissão como a recepção simultânea de informação, mas é limitado pelo alcance, pois normalmente só há duas pessoas envolvidas em uma ligação. A chegada da internet muda essa lógica e possibilita a formação de redes de comunicações, onde cada usuário pode ser tanto produtor como consumidor de informações e dados. A grande transformação é a produção de informações feitas por muitos e para muitos, eliminando a hierarquia entre emissor e receptor.

Menos de duas décadas depois que a internet foi disponibilizada, ela já está firmemente consolidada na estrutura da metrópole, com implicações nas organizações de poder, na economia e nas relações sociais. O advento do computador ligado na rede possibilitou o reaparecimento do trabalho em casa, pelas possibilidades de agenciamento remoto. Algumas empresas passam a incentivar os seus funcionários a desenvolverem parte do trabalho em casa, como política para melhor produtividade, evitando o desgaste do deslocamento no trânsito. Surge um lugar no espaço doméstico exclusivos para

o trabalho auxiliado por computador, como o escritório, ou o chamado *home office*. Também são desenvolvidos mobiliários apropriados para alojar todas as partes que compõem o computador, pensando na ergonomia e conforto do usuário (Imagem 32).

Imagem 32 - Mesa com tampo deslizante que se adequa aos movimentos do usuário, cadeira ergonômica e suporte para os pés possibilitam usar o computador com mais conforto. Fonte: Herman Miller.

Gradualmente, os computadores passam por um processo de miniaturização e mobilidade. Os monitores CRT entram em desuso e são substituídos pelas telas LCD. Os notebooks vão se tornando mais populares e surgem os diminutos netbooks. As telas adquirem sensibilidade e o clique do mouse é substituído por um toque na tela. Proliferam-se os tablets e smartphones. As conexões por linha telefônica ou a cabo tornam-se sem fio em redes *wifi*, com o alcance de dezenas de metros, invadindo espaços vizinhos, e também sendo permeadas pelas redes de outros moradores.

Com a mobilidade e portabilidade dos computadores, torna-se desnecessário um lugar específico de uso. Na cozinha, na sala, ou no quarto, em qualquer lugar o computador está conectado, adicionando múltiplos corpos ao usuário que ganha um diversificado poder de ação, seja para trabalhar, estudar, se divertir ou simplesmente passar o tempo na tela, como no passado era comum se debruçar sobre a janela e se entreter com o movimento da rua.

O computador conectado a internet é extremamente abrangente, pois compreende uma grande diversidade de categorias: textos, imagens, sons, vídeos, jornais, livros, videoconferência, telefone, impressão de documentos, fabricação digital de objetos, e

também permite a interação do mundo físico com o mundo digital pelas tecnologias de realidade aumentada¹⁴. O espaço de moradia torna-se um lugar de exercer a criatividade, desenvolver projetos, produzir conteúdo em blogs, desenvolver filmes, compartilhar conhecimento. A casa porosa é potente: é um abrigo que vira escritório, oficina e sala de cinema, a partir de um notebook conectado.

Entretanto, há aspectos importantes que devem ser considerados sobre o uso das redes. Os sistemas de vigilância e coleta de dados pessoais por agências de segurança e empresas de informação, têm capacidade para monitorar toda atividade desenvolvida no ambiente digital. Na Política de Privacidade do Google, de 24 de junho de 2013, é dito que as informações do usuário podem ser coletadas de diversas maneiras, entre elas:

Quando você usa nossos serviços ou visualiza conteúdo fornecido pelo Google, podemos coletar e armazenar automaticamente determinadas informações em registros do servidor. Isso pode incluir:

detalhes de como você usou nosso serviço, como suas consultas de pesquisa.

informações de registro de telefonia, como o número de seu telefone, número de quem chama, números de encaminhamentos, horário e data de chamadas, duração das chamadas, informações de identificador de SMS e tipos de chamadas.

[...] Quando você usa um serviço do Google capaz de identificar a sua localização, podemos coletar e processar informações sobre sua localização real, como sinais de GPS enviados por um dispositivo móvel. Além disso, podemos usar várias tecnologias para determinar o local, como dados de sensor de seu dispositivo que podem, por exemplo, fornecer informações sobre pontos próximos de acesso Wi-Fi e torres de celular. (Google, 2013)

Não há privacidade na internet, toda atividade é passível de rastreamento por algoritmos que filtram, catalogam e comercializa os dados para anúncios direcionados de acordo com o perfil coletado, ou podem ser fichados com determinados esquemas de segurança e vigilância. Mesmo assim, tal condição não é restrição para que as redes continuem a se expandindo.

Não obstante, o então volumoso PC e hoje miniaturizado em dispositivos portáteis e ligados nas redes digitais, é ator de um processo que deixou nebulosos os limites

14 Realidade aumentada é uma sobreposição de informações do meio físico com o meio digital, normalmente relacionada a um sistema de visualização, como câmeras de vídeo.

dos espaços públicos e privados. Em certo sentido, estar dentro de casa confunde-se com estar fora pela interseção das atividades comunicativas “desses tempos de cultura híbrida¹⁵ – mediada por redes on e off-line” (Beiguelman, 2013, pág. 168).

As mídias de telecomunicação do século XX e a soma delas, no século XXI, em um único dispositivo digital (Imagem 33) foram gradativamente se instalando no espaço doméstico: ligado aos céus com as antenas nos telhados, os sinais elétricos percorrendo as paredes nas tubulações de fios e cabos, o mobiliário que acolhe, o conforto da sala de visita, o *home theater*, o *home office*, a multiplicação das telas e as radiações eletromagnéticas do *wifi*.

15 O termo híbrido (*cybrid*) foi criado pelo arquiteto Peter Anders com a junção da palavra “*cyber*” com “*hybrid*”, e significa a interseção do ambiente digital no ambiente físico (ANDERS, 1997). Gisele Beiguelman (2010) amplia o significado e define cibridismo como a experiência contemporânea de estar entre redes, em uma alternância contínua de estar *on* e *off-line*, como um estado permanente de conectividade.

Imagem 33 - Computador desktop modelo “tudo-em-um”, com tela multi-toque e portátil, integra em um só dispositivo diversos recursos de comunicação.
Fonte: Amazon.

CAPÍTULO 2

HABITANTES EM TRANSFORMAÇÃO

A sociedade é dinâmica e está constantemente se transformando, influenciada por diversos agentes. Contudo, há duas transformações em curso que merecem destaque, por serem consideradas importantes para este trabalho. A primeira transformação teve início a partir da década de 1970 com a fragmentação do modelo familiar tradicional, e a segunda foi desencadeada a partir de 1995 com o advento da internet, instalando novos hábitos relacionados à comunicação em redes digitais de comunicação.

Embora seja praticamente impossível traçar um perfil detalhado da diversificada gama de pessoas que habitam a cidade, interessa aqui fazer uma análise geral dos hábitos e características dos habitantes urbanos baseada na bibliografia e em dados censitários. Essa aproximação sobre quem são os habitantes dos grandes centros é importante para refletir sobre o habitar contemporâneo e as consequências no espaço doméstico.

2.1 A (DES) CONFIGURAÇÃO DA FAMÍLIA TRADICIONAL

As transformações do espaço de moradia estão inter-relacionadas com as transformações dos habitantes. De acordo com os valores sociais, culturais, econômicos e tecnológicos a sociedade vai estabelecendo ao longo do tempo os padrões de ocupação e modos de uso do espaço. É um processo dinâmico que está em constante transformação, como pode ser observado no decorrer da história da casa brasileira.

A estrutura familiar no Brasil é um exemplo claro das mudanças. A família patriarcal rural do século XIX, composta por um grupo extenso de parentes abrigados sob um mesmo domínio, transforma-se no século XX na família nuclear que habita em um ambiente urbano (TERUYA, 2000). O grupo familiar então passa a ser composto pelo homem, mulher e filhos, com necessidades espaciais distintas do modelo familiar rural, pois os membros da família são em menor número e não estão mais vinculados com modos de produção, e sim de consumo.

Essa formação nuclear da família torna-se intrinsecamente relacionada no imaginário do lar, idealizado como o lugar tranquilo e alegre onde habitam os pais com os seus

filhos. A ideia de família é associada a sentimentos de equilíbrio, felicidade, pessoas bem ajustadas vivendo em harmonia, tornando-se bastante explorada em propagandas (Imagem 34), tanto que ficou conhecida como “família comercial de margarina”.

Para Rino Levi, a família é fundamental na constituição do universo privado, como pode ser percebido na citação proferida em 1962:

Quando me refiro à casa penso no lar, rico ou modesto, não importa, no qual a família encontre condições de conforto e um ambiente acolhedor. [...] Penso, sobretudo, em um ambiente apropriado para a educação da criança” (LEVI apud MIGUEL, 2003, pág. 22).

Todavia, essa unidade familiar começou a se fragmentar com o consequente surgimento de outros grupos familiares, os quais são cada vez mais aceitos socialmente. Iniciado a partir da década de 1970, e não sendo restrita a realidade brasileira, Tramontano (2003) diz que o “processo de nuclearização da unidade familiar vê-se sucedido pelo seu próprio estilhaçamento, [...] quando começam a surgir, em diversas partes do mundo, novos formatos de grupos domésticos”, como casal sem filhos, mulher sem conjugue e com filhos, uniões livres, casais homossexuais, pessoas morando sós, entre outros (Imagem 35).

Um grande fator de influência na transformação da família é a mudança do papel da mulher, que deixa de ser dona de casa e ingressa no mercado de trabalho ganhando mais independência financeira. Trabalhando fora de casa, a mulher tem menos tempo para cuidar da casa, dos filhos, ou mesmo de tê-los:

É importante perceber que, por trás da queda da fecundidade, encontra-se uma mulher que reivindica, entre outras coisas, um lugar no mercado de trabalho, a liberdade de ter relações sexuais dissociadas da obrigatoriedade católica de procriação, o direito de escolher quando ter – ou não ter – filhos, o direito de separar-se do parceiro – ou parceira – sem ser, por isso, estigmatizada pela sociedade. (TRAMONTANO, 2003, pág. 98)

Como citado anteriormente, a transformação da família ocorreu em diversos países iniciada em torno do mesmo período. Terence Riley (1999) crê que uma das razões do alvoroço feito pela mídia sobre a casa Farnsworth de Mies van der Rohe diz respeito a aceitação da condição da mulher na sociedade norte-americana e a situação da própria Edith Farnsworth (Imagem 36), solteira e com carreira profissional estabelecida, em

Imagem 34 - Propaganda imobiliária de 1959 mostrando a família nuclear tradicional: o homem de negócios com um jornal nas mãos, a mulher dona de casa que cuida do lar, e os filhos felizes.
Fonte: Reclames do Estadão.

Imagem 35 - Propaganda imobiliária de 2013 da Maxhaus, fazendo um trocadilho com o fato dos seus apartamentos serem entregues sem paredes internas e a aceitação das relações homoafetivas.
Fonte: Folha de São Paulo.

Imagem 36 - Edith Farnsworth com seu cachorro durante a construção de sua casa (ca. 1950-51).
Fonte: Chicagogeek.

1953: “não apenas ela não era nem esposa nem mãe, em uma época em que as mulheres da idade dela eram ambas as coisas, mas também o projeto da casa indicaram que ela não tinha nenhum plano particular para tornar-se parte de uma família”¹ (RILEY, 1999, pág. 20, tradução nossa). A situação atual está se transformando, cada vez mais a mulher ocidental vem afirmando sua posição na sociedade, e gradualmente o preconceito diminui, principalmente nos grandes centros urbanos.

Mesmo com o aumento de outros grupos familiares, a família nuclear se transformou. Embora ainda seja preponderante, houve um enfraquecimento da hierarquia e autoridade dos pais que “agora preocupam-se mais com o êxito profissional da prole” (TRAMONTANO; BENEVENTE, 2004, pág. 3). A grande autoridade paterna paulatinamente baixa a voz enquanto os outros membros da família se manifestam com mais liberdade. Diz Tramontano sobre o modelo tradicional da família: “tudo leva a crer que este formato familiar torne-se, cada vez mais, apenas um momento transitório – e não mais obrigatório – da trajetória individual de cada vez menos pessoas” (2003, pág. 101).

A família tradicional como estrutura social está perdendo sua importância. Cada vez as pessoas pensam mais na própria realização pessoal, o que entra em evidência é o indivíduo com seu desejo de autossatisfação. Muitas vezes criar uma família e ter filhos são prioridades secundárias, só acontecem se não forem atrapalhar a carreira profissional, a conclusão dos estudos, especializações acadêmicas, pós-graduações, a viagem dos sonhos, ou no jargão popular, “curtir a vida”.

No casal sem filhos existe o chamado DINK, do inglês *Double Income No Kids* (dupla renda sem filhos). O crescimento desse grupo evidencia a participação da mulher no mercado de trabalho, pois é um modelo familiar no qual ambos os cônjuges exercem atividade profissional. Como diz Tramontano, esse modelo é baseado “no desejo de levar uma vida confortável, garantida pela remuneração dos dois parceiros, mantendo a liberdade e a sensação de uma vida de solteiro” (2003, pág. 101), estando livres da

¹ C. o.: not only was she neither a wife nor a mother at a time when most women her age were both, but the design of the house indicated she had no particular plans to become part of a family.

obrigação de cuidar e educar as crianças.

Contudo, há não muito tempo atrás, o matrimônio para grande parte das mulheres implicava na afirmação do compromisso implícito em cuidar da casa, como fazer faxina, educação dos filhos, e na submissão ao marido (Imagem 37).

Imagem 37 - Propaganda de 1948 com o homem olhando a felicidade da mulher ao receber uma enceradeira como presente de casamento, evidenciando sua obrigação de dona de casa.

Fonte: Reclames do Estadão.

2.1.1 DADOS CENSITÁRIOS

A seguir são apresentados dados do Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) relativos ao Brasil como um todo, incluindo as zonas urbanas e rurais. Optou-se por esses dados para ter uma imagem mais abrangente do habitante urbano brasileiro.

As transformações na estrutura da família são visíveis nas pesquisas censitárias, podendo ser constada a proporção dos membros que constituem o grupo familiar. Os dados do Censo de 2010 “apontam para uma diversidade maior em relação aos tipos de famílias” (IBGE, 2010, pág. 64). Segundo a análise do Censo, houve aumento da esperança de vida, diminuição da taxa de fecundidade, crescimento das uniões consensuais, aumento

dos divórcios e consequentemente das famílias monoparentais (ibidem, pág. 64) que repercutiram nos padrões de organização das famílias.

O número de moradores nos domicílios passou por mudanças nas últimas décadas. Houve um aumento das unidades com pessoas morando sós, praticamente dobrando em pontos percentuais, passando de 6,5% em 1991 para 12,1% em 2010. Por outro lado, as unidades com duas ou mais pessoas com parentesco tiveram um decréscimo, de 93% em 1991 para 87,2% em 2010 (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Proporção da situação dos domicílios (em %).
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e 2010: famílias e domicílios.

Apesar de a unidade unipessoal ainda apresentar um valor sem muita expressão, indica uma tendência de crescimento de uma realidade já observada em outros países. A média em 2010 de domicílios com pessoas morando sós nos países europeus é de 27,7% (ibidem). Nessas habitações são ocupadas não só por viúvos e viúvas, ou pessoas divorciadas, mas também por jovens que deixam a casa dos pais, e pessoas que optam pela vida sem companheiros.

Confirmando o que foi dito anteriormente sobre a mudança da família nuclear, os dados do Censo mostram que ela já não está mais presente na maioria absoluta dos domicílios brasileiros (Gráfico 2). Em 1991 o percentual de casal com filhos era de 58,3%, e em 2010 caiu para 49,4%. Ao mesmo tempo o número de casal sem filhos subiu de 13,7% para 20,2%, com um provável aumento dos casais DINKs, pois considerando os dados da mesma pesquisa, na maioria das famílias (62,7%) ambos os cônjuges tem rendimento.

Gráfico 2 - Proporção dos tipos de composição familiar nos domicílios (em %).
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e 2010: famílias e domicílios.

Em todos os modelos de família mostrados no gráfico, o comportamento dos dados de cada tipo familiar segue uma mesma tendência ao longo dos anos, seja aumentando ou diminuindo, em direção à redução da familiar nuclear e estabelecimento de outros modelos. No gráfico também pode ser observado o aumento de domicílios com famílias monoparentais, com a presença da mulher ou do homem sem o cônjuge e com filhos. Nessa categoria incluem cônjuges divorciados e de filhos fora do casamento. Na composição familiar aumentou um tipo catalogado pelo Censo como ‘outro’, indicando uma diversificação dos modelos de união familiar.

O que já se sabe por experiência, e visível estatisticamente, a mulher é na grande maioria dos casos quem assume a responsabilidade de cuidar dos filhos quando os cônjuges moram separados. Nos dados de 2010, nos domicílios onde a mulher habita com os filhos o percentual é de 16,2%, enquanto no do homem é de apenas 2,4%.

O aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho pode ser visto no Gráfico 3 que mostra a condição de ocupação dos cônjuges. Enquanto o homem permanece com uma participação relativamente constante, a mulher aumenta 21 pontos percentuais ao longo do intervalo de tempo analisado. Os dados de 2010 mostram que mais da metade das mulheres cônjuges estão economicamente ativas e ocupadas.

A taxa de fecundidade representa o número médio de filhos que uma mulher teria ao final do seu período fértil. Em meio século a taxa de fecundidade nacional decresce continuamente, caindo de 6,3 filhos para 1,9 em 2010 (Gráfico 4). Esses valores

são consequências do uso de métodos anticoncepcionais, do maior envolvimento profissional da mulher, que passa a ter mais possibilidades de realizar suas ambições, diferentemente da mulher dona de casa na década de 1960. Como decorrência, a média de moradores por domicílio diminuiu no período intercensitário, passando de 3,8 pessoas em 2000, para 3,3 pessoas em 2010.

Gráfico 3 - Proporção de cônjuges economicamente ativos e ocupados (em %).
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e 2010: famílias e domicílios.

Gráfico 4 - Taxa de fecundidade nacional.
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010: nupcialidade, fecundidade e migração.

Outro dado importante é o desaparecimento gradual da empregada doméstica que habita na casa dos patrões. No Censo de 2000 a presença da empregada doméstica residindo em domicílios era de 0,29%, caindo para 0,13% na pesquisa de 2010. A empregada de período integral, que dormia na residência, é substituída pela diarista, que trabalha uma ou duas vezes por semana.

A partir dessas análises, o quadro que se apresenta na família brasileira são pessoas cada vez mais morando sós, menos casais gerando filhos, diminuição da familiar nuclear, aumentos de outros modelos de família e uma maior força econômica da mulher, tornando-se mais independente. Como já citado anteriormente, os dados censitários apresentados são relativos ao Brasil como um todo, quando são restritos somente ao espaço urbano as transformações da família são ainda mais intensas (IBGE, 2010). Nas cidades, o contexto da vida cotidiana, com seu ritmo acelerado, colabora na ruptura dos valores e padrões tradicionais.

2.1.2 NOVOS MODELOS E ANTIGAS PROPOSTAS

Sendo a família o núcleo de organização da sociedade, a transformação da família implica em mudanças na sociedade, como também no espaço doméstico que abriga agora uma diversidade de arranjos familiares. Uma das questões que se torna evidente é a diminuição do espaço habitável, pois as famílias se tornaram menores, ou em alguns casos, a família inexistente.

A praticidade tornou-se um imperativo para quem trabalha fora de casa e tem uma agenda lotada de compromissos. O forno micro-ondas representa a velocidade nos hábitos e gestos cotidianos, pois possibilita que a comida, além de não ser preparada em casa, abreviando todo o tempo e trabalho que demanda no preparo de um prato, fique pronta em poucos minutos.

Na sociedade atual é comum a família deixar um bebê de seis meses na creche por necessidades profissionais, iniciando sua vida escolar antes mesmo de saber falar, e só concluindo 18 anos depois quando então adentrar na universidade. Em alguns casos a criança mora com parceiro da mãe ou do pai, com o qual não tem parentesco sanguíneo, e que às vezes traz um filho ou filha de um relacionamento anterior. A atenção dispensada à criança muitas vezes é substituída por babás eletrônicas, como os tablets que facilmente consegue entreter os filhos por horas, enquanto os pais podem cuidar de outros assuntos.

Guardada as devidas diferenças, o contexto descrito acima tem algumas semelhanças com a proposta soviética do início do século XX relacionada à dissolução da família tradicional. Como explica Ricardo Marques de Azevedo: “assinalando-se científico, o socialismo implicaria o advento de um modo de vida do qual decorre uma socialidade em que se programa a eliminação da família burguesa” (2006, pág. 74).

O projeto comunista objetivava o fim da propriedade privada e propunha um tipo de relacionamento humano baseado na liberdade e na igualdade, sem vassalos e sem criados: “A mulher, por sua vez, desobrigada das corvéias do lar, habilita-se como força de trabalho, enquanto as crianças passam à responsabilidade do Estado que delas se encarrega, zeloso, em creches, internatos, escolas” (ibidem, pág. 75). Nas relações conjugais do modo de vida socialista,

[...] todo trabalhador e trabalhadora pode considerar-se como ‘solteiro (a)’ ou como ‘casado (a)’ em potência, porquanto todo solteiro pode passar a casado em um dia, assim como cada casal pode decidir a separação, já que são as atuais constrições que criam a obrigação de viver juntos. (SABSOVITCH apud AZEVEDO, ibidem, pág. 76)

Para os padrões da época, em meados da década de 1920, tal proposta do desmanche da família soava demasiada revolucionária, mas atualmente não parece tão distante da realidade. As mães e os pais ficam parte considerável do dia sem contato com um filho ou filha de poucos meses de vida, que está na creche juntamente com outras dezenas de bebês. A fragilidade do casamento conduz para o aumento de divórcios, as uniões são feitas e desfeitas sem grandes impedimentos. A rotina diária é programada em agendas eletrônicas, pelo horário das novelas (das sete, das oito), das partidas de futebol, entre outros eventos que regulam mecanicamente o tempo dos indivíduos.

É curioso que a dissolução da família no ideal soviético revolucionário encontre certas semelhanças com a estrutura das famílias contemporâneas mais de meio século depois. São transformações estruturantes da sociedade que reverberam nas diversas camadas da vida urbana.

2.2 SOCIEDADE EM REDE

Os habitantes urbanos da atualidade são agentes de comunicação em potencial. Equipados com aparelhos de telefonia móvel conectados a redes digitais, eles tem um poder de produzir e acessar informações impensáveis a duas décadas atrás. Um evento que acontece, seja onde for, é rapidamente digitalizado e publicado na internet, sendo multiplicado por diversos compartilhamentos em redes sociais, e em poucos minutos já está na pauta da discussão de milhares de pessoas.

Um telefone celular pesa em torno de 100 gramas e mede aproximadamente 10 centímetros de comprimento, cabe na palma da mão e no bolso. É trivial que disponha de câmera digital fotográfica e de vídeo, gravador de áudio, sistema de localização GPS, e esteja conectado a internet. Ao portar tal sofisticada máquina, o usuário não só amplia seu poder de ação, como incorpora nos seus gestos e hábitos essa nova condição informacional. E o que é mais interessante, ele não está isolado. Juntamente com a comercialização do aparato, foi implementada uma infraestrutura que possibilitou o surgimento de sistemas, serviços e uma multidão de outros usuários.

Percebe-se claramente como a vida em redes de informações está se tornando lugar-comum, e em um curto intervalo de tempo – considerando que a internet foi disponibilizada em 1995, em menos de 20 anos houve uma grande transformação na vida cotidiana. Até mesmo uma atividade banal, como chamar um táxi, pode ser feita através de um toque na tela, e a corrida é a paga com outro toque na tela. As transformações repercutem na (des)necessidade de deslocamento passando pelo usos de serviços, formas de contato social, acesso ao conhecimento, até no uso do dinheiro tradicional.

Ligadas entre si, em uma estrutura de nós desierarquizados, as pessoas tem a oportunidade de acessar uma quantidade incalculável de informações, e também de manifestar suas ideias, pensamentos e criatividade. A produção de dados e informações de diversos formatos em blogs, páginas pessoais, fóruns, redes sociais, entre outros

recursos, distribuídos de forma horizontal e descentralizada é uma característica fundamental das redes digitais de comunicação:

Dentre as diversas mudanças provocadas pelo advento da cultura digital, uma das mais importantes foi a experiência do deslocamento do cidadão tradicionalmente espectador, ouvinte e leitor, para o papel de (também) produtor de conteúdo, emissor de opiniões e criador de formas de expressão intelectuais e artísticas. (CASTRO, 2012, pág. 101)

2.2.1 DIGITALIZAÇÃO DO COTIDIANO

Já se foi o tempo em que a internet era um mundo virtual², como algo alheio e distante da realidade da vida diária. Não faz mais sentido dicotomizar a realidade, pois a esfera digital está imersa na vida cotidiana, no mundo sensível, nos objetos e nas relações sociais. Como afirma Giselle Beiguelman,

Vivemos no mundo do pós-virtual e isso não significa apostar numa volta ao mundo analógico. Ao contrário. Significa assumir que as redes se tornaram tão presentes no cotidiano e que o processo de digitalização da cultura é tão abrangente, que se tornou anacrônico pensar na dicotomia real/virtual. (2013, pág. 147 e 148).

Nas primeiras formas de interação social na rede, como nas salas de bate-papo da década de 1990, era comum o uso de avatar³, e conversas com estranhos que poderiam ter perfis anônimos e falsos. Os sites que hospedavam esses serviços não demandavam uma identidade verdadeira. Atualmente, as conversas no universo digital são feitas principalmente entre amigos e conhecidos, em redes sociais que alimentam bancos de dados com as informações pessoais e hábitos dos usuários, número de telefone, e geolocalizando a trajetória diária. Hoje a condição de anonimato, enquanto possível, não é mais desejada. Pelo contrário, através de redes sociais, hábitos e intimidades pessoais são deliberadamente publicizados através de textos, fotos e vídeos.

Além dessas inserções no cotidiano presentes em telas, as redes digitais associam-se aos objetos, como nos QR-codes (*Quick Response Codes*) que possibilitam estabelecer vínculos na internet e armazenar informações – através o uso da câmera do telefone

2 Diz Pierre Lévy: “em geral acredita-se que uma coisa deva ser ou real ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. Contudo, a rigor, em filosofia o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual”. (2010, pág. 49)

3 Avatar é uma identidade no mundo digital, possibilitando o usuário incorporá-la e ser representado por ela sem necessariamente ter relação com a sua verdadeira identidade no mundo físico.

celular – nas etiquetas de identificação RFID (*Radio Frequency Identification*) já usadas em bibliotecas, lojas, e até mesmo em animais e homens – como na tornozadeira usada por presos fora da penitenciária e em uniformes escolares (Imagem 38) – e também na chamada “internet das coisas⁴”, na qual os objetos tem identidades, atributos e podem comunicar-se entre si e com o ambiente.

Imagem 38 - Escola no Distrito Federal usa RFID no uniforme para monitorar as entradas e saídas dos estudantes.

Fonte: Folha de São Paulo.

Torna-se difícil imaginar que a internet e suas extensões sejam a contraparte do real, ou no sentido comum, virtuais, principalmente quando o digital encontra-se imbricado na carne:

Em um mundo mediado por bancos de dados de toda sorte, somos uma espécie de plataforma que disponibiliza informações e hábitos, conforme construímos nossas identidades públicas nos diversos serviços relacionados ao nosso consumo, lazer e trabalho. Somos, portanto, corpos informacionais, que podem não só transportar dados, mas que passam também a ser entendidos como um campo de escaneamento e digitalização de informações. (BEIGUELMAN, 2013, pág. 155)

4 Internet das coisas (em inglês: *Internet of Things* - IoT) é definida por André Lemos como “uma infraestrutura de rede global dinâmica, baseada em protocolos de comunicação em que ‘coisas’ físicas e virtuais tem identidades, atributos físicos e personalidades virtuais, utilizando interfaces inteligentes e integradas às redes telemáticas. As coisas/objetos tornam-se capazes de interagir e de comunicar entre si e com o meio ambiente por meio do intercâmbio de dados”. (LEMOS, 2013, pág. 19 e 20)

Embora ainda não seja tão popular, a computação vestível já está disponível, como óculos, braceletes, tênis, que se intersectam com as redes digitais transmitindo e recebendo dados. O projeto Google Glass é um monóculo conectado a internet, possibilitando compartilhar o olhar do usuário em fotos e vídeos, obedece a comandos de voz, sobrepõe mapas e uma infinidade de dados na paisagem visualizada (Imagem 39).

Imagem 39 - O computador-óculos Google Glass usado em diversas situações.
Fonte: Google Glass.

A pulseira Nymi usa as batidas do coração para autenticar a identidade, dispensando o uso de senhas, e comunica-se remotamente com vários dispositivos na proximidade do usuário, realizando comandos com simples gestos e movimentos do braço. Como diz Gisele Beiguelman, “estamos diante de uma nova tangibilidade. Ela é sensorial, tátil, concreta, mas também midiática” (2013, pág. 153). A incorporação da computação não é mais ficção do cinema, ela já está a venda.

Caminhamos para mudança do paradigma de interface homem-máquina para uma interface humana e natural, isto é, uma interface capaz de entender todas as nossas formas de comunicação, desde a linguagem corporal, passado por nossa fala e até elementos como a temperatura, batimentos cardíacos ou expressões faciais. (CRUZ, 2014)

Os vestíveis não estão somente na agenda das grandes empresas de computação, como a Intel que recentemente lançou o Edison, um computador minúsculo, “projetado para trabalhar com muitos e quaisquer dispositivos – não apenas computadores, telefones ou tables, mas também cadeiras, cafeteiras e até mesmo xícara de café. As possibilidades

são infinitas para empreendedores e inventores de todos os tipos”⁵ (INTEL, 2014). A mais alta tecnologia também está acessível a qualquer pessoa disposta a fabricar seu próprio equipamento, contando com o apoio de financiamento coletivo (*crowdfunding*) para desenvolver e comercializar sua ideia.

2.2.2 ESPAÇOS DESLOCADOS

Na definição de Pierre Lévy, o ciberespaço é “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (2010, pág. 94) incluindo o conjunto dos sistemas de comunicação digital. Esse ecossistema de computadores e dispositivos comunicativos é alimentado pela participação dos indivíduos, como uma comunidade (de muitos milhões) de estranhos e (poucos) conhecidos, digitalizando o mundo visível, conhecimentos, e sentimentos. A cada nova informação inserida – texto, imagem, ou vídeo – a envergadura das redes vai sendo dilatada, por multiplicar os seus nós e seus links. Cada vez mais potente, as redes digitais abrangem e envolvem a vida das pessoas, sem, contudo, diferenciar os lugares. Em casa, na rua, no trabalho, a qualquer hora, permanece a conectividade como condição híbrida de estar entre redes.

Nesse contexto, diversas atividades que antes de 1995 eram restritas a lugares específicos, como efetuar uma transferência bancária, ou realizar pesquisa bibliográfica, podem ser feitas em movimento durante um percurso em uma via, ou em qualquer lugar. As mídias promovem o deslocamento de lugares, remetendo continuamente o habitante em diversificados contextos espaciais, o que Massimo Di Felice chama do habitar exotópico: “o habitar contemporâneo é exotópico porque nos propõe a deslocação contínua em espaços-imagens e em paisagens artificiais, em metageografias reais e sintéticas ao mesmo tempo” (FELICE, 2009, pág. 122).

Essa característica exotópica de vivenciar espaços midiáticos externos dando novos sentidos aos lugares está relacionada com a imprecisão dos limites entre público e privado. O que a tela da televisão possibilitou a partir do interior doméstico, de forma

5 C.o.: *designed to work with most any device—not just computers, phones, or tablets, but chairs, coffeemakers, and even coffee cups. The possibilities are endless for entrepreneurs and inventors of all kinds.*

passiva, sendo espectador, as telas dos dispositivos digitais de informação trazem ao usuário-agente uma experiência dinâmica de deslocamento entre situações espaciais digitalizadas e sintéticas, mescladas com informações reais do ambiente.

As ferramentas de geolocalização e sistema de orientação, antes disponíveis somente para profissionais da área e geógrafos, tornam possíveis para qualquer pessoa o uso e criação de mapas, e maior entendimento das áreas urbanas e vínculos comunitários (LEMOS; LEVY, 2010). Com tais recursos, o espaço físico funde-se com miríades de espaços eletrônicos, dotando o usuário com capacidade de orientação cartográfica sobrepostas com informações sobre (quase) tudo que está próximo ou distante. Habitar o ciberespaço é poder estar em qualquer lugar, ver, capturar, conhecer remotamente, através das dimensões dos espaços:

De um sistema midiático dominado pela televisão, estamos passando a uma rede de comunicação permitindo a onivisão que nos permitirá dirigir nosso olhar aonde desejarmos no espaço, nas escalas de grandeza, nas disciplinas, no tempo e nos mundos virtuais fictícios e experimentáveis que iremos multiplicar no futuro. (Ibidem, pág. 63).

A sociedade conectada – a dos habitantes do ciberespaço – tem suas percepções hiperestimuladas com as imagens eletrônicas, adaptando-se a um “novo modo de apreensão da realidade no qual as jovens gerações são introduzidas desde cedo” (ibidem, pág. 61). O deslocar-se contínuo entre imagens tornou-se prática necessária na vida da metrópole. Muitas pessoas já usam o telefone celular conectado à internet para agenciar aspectos da vida localizados em diversas distâncias, que como bem o define Giselle Beiguelman (2013), transformou-se em um controle remoto do cotidiano.

2.2.3 PESQUISAS TIC

O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) vem realizando pesquisas sobre os usos das Tecnologias de Informações e Comunicação (TIC) desde 2005. A cada ano é verificada uma inserção significativa das redes digitais nos hábitos dos brasileiros. Na pesquisa de 2012, consta no relatório o aumento da proporção de usuários da internet que se tornou a maioria (Gráfico 5):

Em 2012, pela primeira vez a proporção de usuários de Internet – aqueles que a utilizaram nos três meses anteriores à aplicação da pesquisa – ultrapassa a proporção de pessoas que nunca utilizaram a Internet: 49% da população brasileira com 10 anos ou mais é usuária de Internet, enquanto 45% nunca usaram a rede. (BARBOSA, 2013)

Gráfico 5 - Proporção de indivíduos que acessaram a internet, por último acesso (em %). Fonte: GGI.br - Pesquisas TIC 2007 e 2012.

Nos oito anos da pesquisa, a proporção de computadores nos domicílios brasileiros quase quadruplicou em pontos percentuais, passando de 13% em 2005 para 40% em 2012 (Gráfico 6). Embora ainda seja um número distante da totalidade, a trajetória da proporção é ascendente e pelo que tudo indica só tende a aumentar nos próximos anos.

Gráfico 6 - Proporção de domicílios com acesso à internet (em %).
Fonte: GGI.br - Pesquisas TIC 2007 e 2012.

2.3 O HABITANTE INDIVIDUALIZADO

Após essa aproximação com o entendimento das estruturas familiares e do envolvimento da sociedade nas redes digitais, pode-se compreender que as pessoas do século XXI estão diante de uma situação de mais liberdade e independência para afirmar as suas individualidades, seus interesses e desejos. Por um lado a instituição familiar deixa de ser menos impositiva, e por outro a conectividade digital amplia o raio de ação do indivíduo. As reverberações desse contexto estão bastante evidentes nos jovens, no modo de se vestir, de se relacionar, na natureza da profissão, na escolha do companheiro ou companheira, na duração do relacionamento. Nesse quadro configura-se uma sociedade dinâmica e midiática, onde as transformações ocorrem com mais frequência e amplitude.

Na edição anual “*person of the year*” (pessoa do ano) da revista Time de 2006 (Imagem 40), a pessoa escolhida foi “você”, pela participação de milhares de indivíduos na internet, que segundo a revista, “vai mudar não somente o mundo, mas também o modo em que o mundo se transforma”⁶ (GROSSMAN, 2006, tradução nossa). A escolha da Time corrobora o poder de transformação das mídias digitais. Equipados com as ferramentas comunicativas, um número crescente de “você” digitalizam suas idiossincracias, operando de forma coletiva e colaborativa.

As repercussões dessas transformações no espaço doméstico podem ser percebidas no modo de habitar, como no maior tempo de permanência em casa⁷, em parte pelo sentimento de insegurança e violência da cidade, mas também pelas múltiplas e diversificadas formas de lazer e entretenimento propiciadas pelas mídias e equipamentos eletrônicos correlatos (CAMARGO, 2003) (Imagem 41), nas oportunidades de trabalho e criatividade, e também no programa de necessidades da habitação, que será abordado no capítulo seguinte.

6 C. o.: *will not only change the world, but also change the way the world changes.*

7 A tendência de permanecer no ambiente doméstico como consequência da fatura de dispositivos comunicativos e as variadas opções de lazer originada desses foi denominada, já na década de 1990, como “encapsulamento” (em inglês: *cocooning*) (DOMINGUES, 2009).

Imagem 40 - Capa da revista Time de 2006
 Fonte: Time Magazine.

Imagem 41 - Propaganda de 1983 do videogame Atari destacando o potencial do equipamento em influenciar na estrutura da família.
 Fonte: Memória Bit.

CAPÍTULO 3
A TV E O PC NA PLANTA DE VENDA

Como exposto anteriormente, nas últimas décadas ocorreram mudanças que sugerem novos espaços de morar, como a diversidade de modelos familiares, e o avanço tecnológico da comunicação. Considerando a importância dos apartamentos em edifícios residenciais como opção de moradia contemporânea nos grandes centros urbanos brasileiros, foi escolhida essa tipologia para verificar como a televisão e o computador se inserem no espaço doméstico.

Para comercializar a habitação em edifícios verticais, é comum o uso da planta arquitetônica desenhada especificamente para esse fim, e por isso chamada de “planta de venda”, veiculada em caderno imobiliário de jornais. A planta de venda é uma representação de forte apelo visual feita a partir da planta do projeto arquitetônico. As informações técnicas, como eixos das estruturas, descrições de materiais, cotas de níveis, detalhes construtivos, são suprimidos, e são adicionados novos recursos como texturas, cores, sombra, e decorações com mobiliário e objetos domésticos visando facilitar a compreensão do público em geral, e em certa medida, seduzi-lo. Como o nome sugere, a planta de venda é desenhada com a finalidade de publicidade e propaganda da edificação, visando à comercialização do apartamento.

Todavia, ela é uma técnica de representação gráfica que traduz uma proposta arquitetônica para um determinado espaço em uma linguagem mais acessível. Quando uma planta de venda é vista isoladamente, pode ser que o desenho do espaço e os objetos ilustrados sejam mais uma estratégia de marketing, para mostrar como o empreendimento está atualizado com determinadas tendências, do que um reflexo daquilo que os futuros moradores irão de fato possuir. Mas quando analisadas conjuntamente em um recorte de tempo, como um registro histórico, as plantas de venda são significativas e revelam modos de habitar e o conteúdo do programa de necessidades, pois por mais artificiosa que seja a publicidade, ela está baseada em um contexto social e tecnológico de uma época específica.

Atualmente, a planta de venda de habitações é ilustrada com diversos mobiliários e equipamentos, entre eles a televisão e computador, que constam como itens obrigatórios. Como se tratam de projetos concebidos na lógica da venda imobiliária, o que implica

numa garantia de investimento, presume-se que a planta de venda represente usos e proposições de espaços já consolidados no contexto sócio-tecnológico em questão.

Assim como é improvável alguém habitar uma residência desprovida de fogão e geladeira, pois há uma necessidade de preparar e armazenar alimentos, de modo semelhante os aparelhos de comunicação estão presentes nos espaços de moradia e participam da vida cotidiana pela cultura das telecomunicações, iniciada com o advento do rádio no começo do século XX.

Com o intuito de averiguar os efeitos da televisão e do computador no espaço de moradia, foi realizada uma pesquisa com plantas de vendas de apartamentos de dois e três dormitórios no município de São Paulo, coletadas em anúncios de cadernos imobiliários em jornais de 1981 a 2010.

3.1 METODOLOGIA

Os métodos de pesquisa utilizados foram análise de plantas de apartamentos em jornais imobiliários, tratamento de imagem, desenho digital em software CAD, manipulação de dados em planilha eletrônica e leitura de dados censitários.

As plantas dos apartamentos foram extraídas dos jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, em mídia impressa e também em mídia digital, pelo site dos respectivos jornais. As mídias impressas, de 1981 a 2008, foram consultadas no acervo da Seção de Produção de Bases Digitais para Arquitetura e Urbanismo (CESAD) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). As plantas de 2009 e 2010 foram coletadas das mídias digitais na internet. A seleção da amostra foi aleatória, pautada apenas pelos critérios de localização no município de São Paulo, apartamento com dois ou três dormitórios, e no período de 1981 a 2010.

Inicialmente, a amostra coletada foi digitalizada usando um scanner de mesa, para minimizar a deformação das proporções do desenho original. Em seguida foi criado um

banco de dados, catalogando as plantas com código de referência do arquivo, número de dormitórios e o endereço do imóvel que consta no anúncio. Posteriormente, foi verificada a presença e o tipo da televisão e do computador representados na planta de venda, adicionando as ocorrências em um banco de dados. Para tornar a percepção mais clara do desenho da planta, a maior parte das informações do anúncio foi suprimida. As cotas dimensionais e textos com nome dos ambientes foram mantidos.

A escolha das tipologias de apartamentos de dois e três dormitórios foi baseada no fato de serem as unidades com mais lançamentos no mercado imobiliário (ABREU; TRAMONTANO, 2009), portanto, devem ser as mais representativas dos apartamentos paulistanos. Devido ao tempo de construção do edifício de apartamentos, um anúncio imobiliário pode ser veiculado durante vários meses, ou mesmo anos, não significando obrigatoriamente a data precisa de lançamento do imóvel. Mesmo assim, optou-se por uma catalogação e análise cronológica com base na data do jornal.

Todas as plantas de venda coletadas estão no Anexo. As plantas estão organizadas por código, e em ordem cronológica. Ao longo deste capítulo são feitas referências as plantas pelo código, podendo ser consultadas no anexo. As imagens das plantas de venda também estão no blog “Plantas de venda em São Paulo”, disponíveis em: <<http://plantasdevendas.wordpress.com>>.

3.2 ANÁLISE DA AMOSTRA

A amostra coletada compreende 226 plantas de venda, sendo 95 de dois dormitórios e 131 de três dormitórios. No intervalo de 30 anos da amostra, a média e a moda são de oito plantas por ano. Apesar da quantidade de plantas coletadas não serem significativas para uma análise estatística – levando em conta o volume anual de lançamentos de edifícios residências no município de São Paulo¹ – a pesquisa considera a amostra obtida como registros históricos. A partir desses documentos foram feitas interpretações pela observação das plantas de vendas obtidas.

Notou-se que as técnicas e os recursos gráficos usados para produzir as plantas de venda, também chamada de planta humanizada, têm sido aprimorados ao longo dos anos, resultando em um maior realismo na representação gráfica. O nível de detalhamento dessas plantas chega a uma cuidadosa decoração dos ambientes, com tapetes, vasos, pratos, talheres, almofadas, vegetação, e equipamentos eletrônicos.

Os objetos de investigação desse trabalho são a televisão e o computador documentados na planta de venda. Para cada equipamento, foi feita uma análise que se detém em três aspectos principais: a presença e a quantidade de aparelhos no ambiente doméstico; o desenvolvimento da tecnologia; e o lugar de uso. A análise da televisão abrange todo o período da amostra, de 1981 a 2010. A análise do computador inicia em 1995, pois não há ocorrência anterior a essa data. Os tipos de televisão são de tubo e de tela plana, catalogadas respectivamente como CRT e LCD. Os computadores catalogados são dos tipos: desktop com monitor CRT; desktop com monitor LCD; e notebook.

Pode-se perceber na amostra coletada uma padronização de projeto ao longo dos 30 anos analisados, facilitando a observação e o rastreamento das televisões e computadores nas plantas de venda. As distribuições dos ambientes e corredores encontradas nas 226 plantas são semelhantes, baseadas no modelo que Carlos Lemos (2012) chama de

¹ Segundo dados do Sindicato da Habitação de São Paulo, em média são lançados por ano 30 mil novas unidades residenciais no município (Secovi-SP [...], 2014). Considerando que um prédio residencial tenha 80 apartamentos, seria uma média de 375 plantas de vendas por ano.

“morar à francesa”², no qual há um zoneamento da habitação em três setores: serviço, social e íntimo (Imagem 42). No setor de serviço estão as áreas relativas à produção de alimentos, manutenção da casa e aos empregados. No setor social estão as áreas de convívio familiar e de amigos, acessíveis aos visitantes. No setor íntimo estão as áreas relacionadas ao repouso e asseio corporal, de acesso mais restrito.

Imagem 42 - Planta [cód. 90] colorida segundo os setores de serviço (1), social (2) e íntimo (3).
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, editada pelo autor.

Como parte do “morar à francesa”, está inclusa a especialização do espaço, ou seja, não há sobreposições de funções em um mesmo ambiente. Conforme diz Carlos Lemos, o uso de um mesmo espaço para diferentes atividades está condicionado à questão econômica dos moradores:

“[...] na casa pobre, a quantidade de superposições dentre de um mesmo ambiente é incrível [...] Tudo é feito por todos num mesmo cenário promíscuo. Na casa rica, é o contrário. Nela, há uma dependência para cada atividade.”
(LEMOS, 1996, pág. 10 e 11)

No caso das plantas coletadas, por se tratarem de apartamentos de dois e três dormitórios, não há um grande número de dependências especializadas. Mesmo assim, há ocorrências de alguns ambientes específicos para a televisão e também para o computador. Embora

2 O termo faz referência às habitações parisienses do século XIX, cuja planta dividida em três setores e circulações separadas dos empregados e proprietários, foi implantada nos palacetes paulistanos da época (LEMOS, 2012).

não seja possível identificar exatamente como os apartamentos são usados a partir das plantas de vendas, pode-se afirmar que a televisão e principalmente o computador trouxeram novos usos e significados aos ambientes. O dormitório não é apenas um lugar de dormir e repousar, a televisão adiciona a função de diversão, e o computador conectado na internet adiciona outras funções como trabalhar, estudar, e comunicar.

Foi observado na amostra coletada que o desenho da televisão na planta de venda não está condicionado a representações mais elaboradas, pois mesmo em desenhos graficamente mais simples (Imagem 43), há ocorrência da televisão. Em tais plantas – sem textura nem sombreamento, e sem detalhes com itens de decorações – o desenho é reduzido às linhas das paredes e a alguns elementos como as camas, sofá, fogão, e a televisão – o que faz supor que ela está inclusa no rol de equipamentos tidos como essenciais.

Imagem 43 - Planta [cód. 59] com representação simples e com aparelhos de televisão.

Fonte: Jornal Estado de São Paulo.

3.2.1 A TELEVISÃO

A presença e a quantidade de aparelhos

O aparelho de televisão está presente em 168 plantas, 74% das 226 plantas coletadas. Esse percentual foi aumentando no decorrer das décadas, sendo 47% na década de 1980, 81% na década de 1990 e 99% na década de 2000 (Gráfico 7). Além de aumentar a ocorrência, percebe-se também a multiplicação do aparelho pelos ambientes dos apartamentos. Se no começo da década de 1980 a televisão é representada principalmente na sala de estar, a partir da segunda metade de 1980 passa a ocupar também o setor íntimo nos dormitórios, com mais ocorrências no dormitório de casal.

Gráfico 7 - Proporção por década de plantas com televisão.
Fonte: elaborado pelo autor.

Foi observada a ocorrência de 263 aparelhos de televisão em todas as plantas coletadas, com uma média geral de 1,1 aparelhos por apartamento. Nos trinta anos da pesquisa, a década de 1980 é o período com menos televisão (Gráfico 8), com uma média de 0,6 aparelhos por apartamento, passando para 1,2 e em seguida 1,7 aparelhos, nas décadas de 1990 e 2000, respectivamente. Para os mesmos intervalos de tempo, a moda é zero aparelho por apartamento, passando para um e dobrando para dois aparelhos por apartamento, respectivamente nas décadas de 1980, 1990 e 2000.

O ano de 1986 foge ao perfil da década de 1980, pois há 16 ocorrências de televisões nas plantas de venda, contrastando com os anos de 1985 e 1987 que não possuem nenhuma ocorrência, os quais foram os dois únicos anos da pesquisa sem televisão.

Gráfico 8 - Proporção do total de ocorrência de televisões distribuídas por décadas.
Fonte: elaborado pelo autor.

O lugar de uso

Na sala de estar estão localizadas 60% das ocorrências, no dormitório de casal 26% e no dormitório dos filhos 14%. O que antes foi motivo de reunião familiar, ou mesmo social com os chamados televisinhos, a experiência de ver televisão foi individualizada, entrando nos dormitórios (Tabela 1). Coincidindo com o acréscimo de televisores em um mesmo apartamento, a partir do começo da década de 1990 se difunde a televisão por assinatura, ampliando o número de canais e com isso maior diversidade de programação.

1980										1990										2000									
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	93	92	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
100	100	80	100		53		80	63	56	63	50	56	64	44	60	56	50	67	89	64	60	50	41	64	67	50	54	80	57
					27		20	25	22	25	33	22	9	31	20	33	40	22	11	27	40	42	35	27	25	40	23	20	36
		20			20			12	22	12	17	12	27	25	20	11	10	11		9		8	24	9	8	10	23		7
<div><div></div>Sala de estar<div></div>Dormitório de casal<div></div>Dormitório dos filhos</div>																													

Sala de estar
 Dormitório de casal
 Dormitório dos filhos

Tabela 1 - Proporção anual de ocorrência da televisão nos ambientes (em %).
Fonte: elaborado pelo autor.

Nos dados obtidos, a localização da televisão na sala de estar é regra. Apenas em 5% das 168 plantas de venda com televisão, o aparelho não está na sala de estar, sendo localizados exclusivamente nos dormitórios. A televisão presente na sala de estar, geralmente ocupa um móvel de frente para o sofá, e organizada como centro do ambiente (Imagem 44).

Imagem 44 - A televisão na sala de estar e no dormitório de casal, na planta [cód. 65] de 1989.
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, editada pelo autor.

Considerando que a sala de estar é o lugar de encontro da família, a televisão assume um papel importante como articuladora da reunião entre os membros familiares. Essa hipótese pode não ser tão verdadeira nos tempos atuais, pois a internet trouxe modificações no modelo e no hábito de consumir o conteúdo televisivo.

Como já mencionado anteriormente, o segundo lugar com mais ocorrência da televisão é no dormitório de casal, e, por último, no dormitório dos filhos. Se antes a televisão chega na intimidade da família, agora chega na intimidade individual dos membros da família. Na amostra, as televisões presentes nos dormitórios estão direcionadas para a cama, sinalizando um hábito de assistir televisão deitado (Imagem 44). Sobre isso, o canto das irmãs Aurora e Carmem Miranda faz ainda mais sentido: “de noite embalamos teu sono, de manhã nós vamos te acordar”.

Em algumas plantas há uma referência direta à televisão na denominação do ambiente, descrito como “home theater” ou “sala de TV” (Imagem 45). Em algumas ocorrências essa referência está relacionada a uma sala emparedada, como espaço dedicado para esta função, e, em outras, como uma designação de um ambiente dentro do setor social.

Imagem 45 - Ambientes específicos para televisão em plantas de 2003 [cód. 172], 2004 [cód. 184] e 2006 [cód. 200].

Fonte: Jornal Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, editada pelo autor.

A televisão no dormitório de empregada ocorreu apenas uma única vez (Imagem 46). A ausência de televisão no dormitório de empregada nas outras plantas provavelmente deve-se a costumeira prática de tratá-lo como um ambiente sem grande importância, o que explica o fato de que em algumas plantas de venda o dormitório de empregada é desenhado sem janela.

Imagem 46 - Planta de 1995 [cód. 112] com cinco televisões.

Fonte: Jornal Estado de São Paulo, editada pelo autor.

O desenvolvimento da tecnologia

Percebe-se na amostra coletada o desenvolvimento tecnológico dos aparelhos de televisão, passando dos antigos e volumosos aparelhos de tubos de raios catódicos (CRT) aos finos modelos de tela de cristal líquido (LCD). Entendendo a planta de venda como uma proposta realizável do apartamento, a evolução dos aparelhos representados na planta reflete cronologicamente a disponibilização no mercado, e não necessariamente a sua invenção. Na pesquisa foram catalogados os tipos de aparelhos CRT e LCD presentes nas plantas.

Na maioria dos casos, a televisão está sobre um móvel, mas nos últimos anos da pesquisa, com a chegada da televisão de tela de cristal líquido, em algumas ocorrências ela passa a ser fixada diretamente na parede, como se fosse um quadro (Imagem 47). Com a diminuição da área do apartamento (ABREU; TRAMONTANO, 2009), essa disposição do aparelho é oportuna, pois se torna necessário ocupar o mínimo de espaço no ambiente.

1981

1986

1991

1998

2002

2006

2007

2008

Imagem 47 - Evolução tipos de aparelhos de televisão encontrados na amostra[códigos 2, 41, 84, 137, 169, 199, 203, 211].

Fonte: Jornal Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, editada pelo autor.

As primeiras televisões LCD surgem a partir de 2004, e em 2007 já é dominante. Consequentemente, os aparelhos CRT caem em desuso, chegando a praticamente desaparecer das plantas de venda coletadas (Tabela 2).

Tabela 2 - Proporção anual de ocorrência dos tipos de televisões (em %).
 Fonte: elaborado pelo autor.

Como pode ser visto no Gráfico 9, o ano de 2006 representa melhor a transição entre os dois tipos de aparelhos, após o qual o LCD torna-se mais representativo.

Gráfico 9 - Surgimento e ascensão da televisão LCD na amostra coletada, em relação a proporção total de aparelhos.
 Fonte: elaborado pelo autor.

Percebe-se que em um curto intervalo de tempo uma tecnologia torna-se virtualmente obsoleta. Apesar da ocorrência do aparelho CRT em 2010, pelo gráfico percebe-se que foi um fato isolado. Grandes fabricantes, como a Sony e Hitachi, Samsung, já deixaram de produzir o aparelho CRT desde 2009³. Como a lógica da planta de venda é sempre

3 As duas únicas empresas que ainda fabricam televisão CRT no Brasil, Semp Toshiba e Philco, encerrarão a produção em junho de 2014 (SPITZ, 2013).

valorizar o imóvel, ilustrar o desenho com uma tecnologia antiga vai de contra a essa estratégia publicitária. Portanto agrega mais valor ao empreendimento ilustrar a planta com equipamentos de última geração, como é o caso das televisões LCD. E não menos importante é o fato já exposto sobre os aparelhos LCD ocuparem menos espaço na planta. Provavelmente, por essas razões as televisões de telas de cristal líquido foram rapidamente incorporadas na representação arquitetônica do mercado imobiliário.

Esse aperfeiçoamento da tecnologia sugere que a televisão não é um equipamento ultrapassado, mas sim que continua sendo um equipamento importante nos lares, em constante atualização, adaptando-se aos novos recursos e dispositivos digitais. Os novos modelos têm entradas para diversos aparelhos, como a interface digital HDMI e a conexão USB, possibilitando usar com computadores e outros equipamentos digitais, além de integração com a internet.

3.2.2 O COMPUTADOR PESSOAL

A presença e a quantidade de aparelhos

O computador surge nas plantas da amostra a partir de 1995, portanto para esta análise foram considerados dezesseis anos, de 1995 a 2010, somando 116 plantas. A ocorrência do computador está em 63 plantas, sendo 18 (29%) de 1995 a 2002, e 45 (71%) de 2003 a 2010. Essa grande diferença percentual indica que a ocorrência de plantas com computador aumentou consideravelmente nos últimos oito anos da amostra (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Proporção de plantas com ocorrência de computador.
Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com os dados obtidos, a presença do computador na planta não é esporádica ao longo dos anos, mas sim reincidente em um número de vezes cada vez maior. No gráfico abaixo se percebe nitidamente o aumento da ocorrência do computador (Gráfico 11).

Gráfico 11 - Média anual de computadores por apartamentos.
Fonte: elaborado pelo autor.

O resultado mostra que até 2002 a ocorrência do computador representado na planta não era expressiva. A partir de 2003 percebe-se uma importância maior, e em 2007 em diante torna-se um item obrigatório, da mesma forma que são imprescindíveis o fogão, a geladeira e a televisão. Se em algum momento o computador é anunciado como um elemento de novidade e diferencial na planta de venda, provavelmente sua imagem já está fazendo parte do imaginário atual, e juntamente com os demais objetos compõem o ambiente doméstico representado na planta de venda.

O lugar de uso

Uma das bandeiras em anúncios imobiliários que propagandeou a inserção do computador no ambiente doméstico foi o home office – a volta do escritório em casa – pelas múltiplas possibilidades de trabalho à distância com o uso das redes de comunicação e comodidades. Trabalhar em casa evita o muitas vezes desgastante deslocamento para o trabalho, com o consequente desperdício de tempo, que então pode ser aproveitado melhor.

Na amostra coletada percebe-se que o home office trouxe modificações na planta, como o alargamento da circulação interna (Imagem 48), ou o uso do ambiente que seria o dormitório de empregada como escritório (Imagem 49), chamado por vezes de “espaço multiuso”. Em alguns casos um ambiente é nomeado de dormitório/escritório como sendo uma opção de “planta flexível” para o usuário que precisa de um local de trabalho no apartamento, caso não precise do dormitório (Imagem 50).

Imagem 48 - Planta de venda de 2000 [cód. 155] com o computador localizado no corredor do setor íntimo.
Fonte: Jornal Folha de São Paulo.

Imagem 49 - Planta de venda de 2003 [cód. 174] com o computador localizado em uma dependência acessível pelo setor de serviços e pelo setor íntimo.
Fonte: Jornal Estado de São Paulo.

Imagem 50 - planta de venda de 2001 [cód. 159] com o computador localizado em um dormitório.
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo.

Nos 16 anos da coleta, a proporção de ocorrência dos computadores é predominante no dormitório dos filhos, mesmo quando comparece em outros ambientes. Ocorre em 83% no quarto dos filhos, 14% no escritório e 3% no quarto de casal (Gráfico 12).

Gráfico 12 - Proporção de computadores nos ambientes.
 Fonte: elaborado pelo autor.

Esses dados sugerem que o computador é entendido como um equipamento com mais aceitação para os mais jovens, principalmente quando considerado que a ocorrência no dormitório de casal é praticamente inexpressiva. O computador no escritório é mais recorrente a partir de 2005, mesmo assim ocorre bem menos que o dormitório dos filhos (Tabela 3).

1990					2000										
95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
					50			40		13	14	14	25	25	9
										13	14				
100	100	100	100	100	50	100	100	60	100	74	72	86	75	75	91

Escritório
 Dormitório de casal
 Dormitório dos filhos

Tabela 3 - Proporção anual de ocorrência de computadores nos ambientes (em %).
Fonte: elaborado pelo autor.

Nos últimos anos teve um aumento não só do número de plantas com o computador representado, mas também do número de computadores em um mesmo apartamento. Na Imagem 51, da planta de venda de 2010 [código 221], o computador está em três ambientes.

Imagem 51 - Planta de venda de 2001 [código 221] com três ocorrências de computadores.
Fonte: Jornal Estado de São Paulo

Como o acrônimo PC sugere, (em inglês: *personal computer*) o computador pessoal é uma máquina para uso individual – como fica evidente na disposição do teclado, do mouse, e da tela, para ser operado por uma só pessoa. De fato o que se percebe, corroborada pela análise da amostra, é uma individualização do computador, cada integrante da família deve ter o seu próprio equipamento. Uma das razões para o aumento da aquisição de computador é o fato de existirem modelos cada vez mais economicamente acessíveis.

O desenvolvimento da tecnologia

Foi constatado na amostra coletada que a representação na planta de venda dos computadores acompanha o desenvolvimento tecnológico e de miniaturização. Foram catalogados três tipos de equipamentos: o computador desktop com o volumoso monitor de tubos de raios catódicos (CRT); o desktop mais compacto com monitor de tela plana (LCD); e o notebook (NBK) (Tabela 4).

1990					2000											
95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	
100	100	100	100	100	100	100	67	80	43	87	28	14	12		9	
									14		43	72	75	75	46	
							33	20	43	13	29	14	13	25	45	

Desktop CRT
 Desktop LCD
 Notebook

Tabela 4 - Proporção anual de ocorrência dos tipos de computadores (em %).
Fonte: elaborado pelo autor.

Na década de 1990, o desktop com monitor CRT é predominante, e a partir de 2002 diminui a ocorrência, chegando a desaparecer em 2009. Coincidindo aproximadamente com a época de diminuição do desktop com monitor CRT, surge o desktop com monitor LCD, substituindo paulatinamente o de CRT. Essa substituição dos monitores CRT pelos monitores LCD acabou repercutindo no mobiliário, pois os antigos monitores CRT eram volumosos e demandava mais espaço na mesa, as vezes com um suporte deslizante exclusivo para o teclado e mouse, como pode ser visto no primeiro desenho do lado esquerdo da Imagem 52.

Os notebooks surgem na planta de venda a partir de 2002, com uma ocorrência média proporcional de 26% por ano. No resultado obtido não é claro se há um aumento do uso do notebook ao longo dos anos, de qualquer forma, indica uma evolução da miniaturização e portabilidade do computador doméstico.

Imagem 52 - Tipos de computadores representados na planta de venda em 1998 [cód. 137], 2002 [cód. 171], 2004 [cód. 180] e 2008 [cód. 211].
Fonte: Jornal Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, editada pelo autor.

3.3 CONSIDERAÇÕES

A importância dos aparelhos de comunicação no espaço de morar torna-se mais perceptível quando esses passam a serem partes integrantes do inventário doméstico. Os resultados da amostragem apontam que a televisão já alcançou esse estágio de item doméstico imprescindível, e o computador cresce rapidamente no mesmo caminho.

A televisão vem desde a década de 1950 se popularizando e adentrando nos lares brasileiros. Nos dados obtidos percebe-se como ela deixa de ser um equipamento exclusivamente social, assistida no setor social, com a presença da família e amigos, para ser também uma experiência mais individualizada, dentro dos dormitórios, no coração da intimidade da casa. Não obstante, são criadas as salas de home theater, lugares especializados para reproduzir imagens e sons de alta fidelidade, como um cinema em casa, ou também para videogames de última geração como o Wii que é acionado por movimentos, experiência compartilhada com amigos. As telas ganham leveza e ocupam as paredes, cada vez maiores e mais finas.

Logo quando chega no ambiente doméstico, o computador demanda uma localização específica principalmente pelas restrições de conectar os diversos cabos e pela sua espaçada volumetria. Com a miniaturização e portabilidade do equipamento, não há

mais necessidade de um espaço especializado, a sobreposição de funções é dominante. A presença de home office não está mais condicionada a uma questão técnica dos computadores, e sim de organização do espaço, para aumentar a produtividade do trabalho em casa.

O aumento do número de computadores observado na amostra deixa mais evidente a importância do espaço doméstico na expansão do ciberespaço. O que talvez fosse absurdo na década de 1990 imaginar um apartamento com três computadores (Imagem 53), ou um privilégio para os mais abastados, atualmente o computador pessoal está realmente se tornando propriedade individual. Como diz Carlos Lemos, “antigamente, vimos que a família rezava unida, e hoje, ‘twita’ dispersa sob um mesmo teto” (LEMOS, 2012, pág. 26).

Imagem 53 - Perspectiva feita a partir da planta de venda de 2010 [cód. 221], destacando de azul as televisões e de vermelho os computadores.
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, desenhado pelo autor.

CONCLUSÃO

A expansão das tecnologias de informação e comunicação está transformando o espaço de moradia em uma plataforma de comunicação, e pelo que parece, independentemente de novas ideias arquitetônicas e grandes transformações espaciais. O aperfeiçoamento dos equipamentos de comunicação caminha para a miniaturização e portabilidade. O computador cabe no bolso e demora horas sem precisar de um fio. Sobre isso, diz Massimo Di Felice,

Depois dos fluxos comunicativos terem entrado nos muros através dos cabos elétricos, adentrando nas arquiteturas e alterando o sentido do lugar e da paisagem, as redes comunicativas wireless emanciparam-se quase completamente dos suportes físicos e ultrapassaram agora as nossas peles, tornando-se, antes roupa íntima e pequenos acessórios de bolso, pequenos bits subcutâneos e inteligências extracerebrais. (FELICE, 2009, p. 227)

Não se trata apenas de uma sofisticação tecnológica, um grande avanço científico, mas também e principalmente, da incorporação por milhões de pessoas nos gestos e hábitos cotidianos. As redes de comunicação já estão profundamente enraizadas na vida contemporânea, mesmo para aqueles que eventualmente ainda não disponham de um computador. Determinadas operações, atendimentos, solicitações, inscrições, consultas, agendamentos, só são possíveis através da internet, obrigando as pessoas a fazer uso do ciberespaço. Portanto, em muitos casos o acesso às redes de comunicação deixa de ser uma opção de escolha, e passa a ser uma necessidade.

É válido destacar a importância dos domicílios no desenvolvimento da internet. A partir do interior doméstico um contingente de pessoas está continuamente alimentando um fluxo de dados que resulta na expansão do universo digital, e no surgimento de novos serviços e atividades. Apesar da portabilidade e mobilidade dos equipamentos ligados às redes de comunicação, ainda situa-se no espaço doméstico a conexão mais veloz, os dispositivos de armazenamento de dados com mais capacidade, o computador mais potente, a televisão maior, o melhor sistema de som, as telas em alta definição.

Equipada com as mídias, a casa não é apenas o lugar da família, é também o lugar de quem está online, dos acontecimentos na *timeline* do Facebook. Essa vivência individualizada no espaço doméstico e coletivizada na rede está relacionada ao que foi abordado sobre as transformações dos tipos de famílias. Indivíduos com

mais autonomia para manifestar seus desejos e interesses, munem-se de poderosas ferramentas comunicativas, resultando muitas vezes em uso ininterrupto das redes. O convívio familiar é dividido entre diversas opções e canais na televisão, sites de músicas, vídeos, comunidades, temas de interesse e uma lista imensa de contatos, chegando facilmente a mais de quinhentos “amigos” somente no Facebook. Muitas vezes essas páginas estão simultaneamente abertas nas diversas abas do navegador de internet, e ainda com a televisão ligada, são os usuários multitarefas, que têm a atenção dividida, e sempre conectados.

A quantidade do conteúdo disponível no ciberespaço é de uma escala sem precedentes (LEMOS; LÉVY, 2010). Tudo isso transborda da tela do dispositivo conectado. Estar em casa e ter acesso a esse repositório digital adiciona uma nova dimensão ao significado de habitar. É como se verdadeiramente fosse instalada uma janela, que pode ver lugares distantes e inimagináveis, ou próximos e conhecidos, diversas formas de ciências, artes, culturas, tudo de qualquer assunto. Como já mencionado anteriormente, olhar através dessa janela já está incorporado ao cotidiano.

Como foi possível observar na pesquisa das plantas de venda, já na década de 1980 a televisão se espalha pelos dormitórios do apartamento. O hábito de ver imagens em movimento na tela eletrônica, a partir do conforto do dormitório, já estava sendo difundido há 30 anos. Esse acolhimento do aparelho em um espaço de intimidade sugere que é um equipamento considerado inofensivo, afinal a televisão torna-se uma companheira, muitas vezes na hora do sono. O dormitório não é mais o lugar exclusivo de dormir e de descanso:

Sim, hoje também existem as superposições de agrado individual, sobretudo nas moradias da elite. Agora, além do “home theater” – que às vezes é capaz de aglutinar os membros da família –, os dormitórios (ou suítes, outro índice de conforto pessoal) também acolhem aparelhos de som, televisores, computadores e demais eletrônicos de comunicação [...] (LEMOS, 2012, pág. 26)

Essa adição de funções ao ambiente é uma característica dos equipamentos de comunicação, principalmente quando conectados a internet, pois surgem outras possibilidades de atividades, como as de trabalho, facilitada por diversos softwares, desde produção de textos até complexos sistemas de criação de animações e vídeos.

Considerando os novos tipos familiares, e a proliferação das redes digitais, poderiam ter surgidas propostas de habitações mais condizentes com essa realidade. Entretanto na pesquisa das plantas de jornais, foi constatada uma padronização, os apartamentos são concebidos no modelo para famílias nucleares, dormitórios do casal e dormitório dos filhos. Como afirma Carlos Lemos, “quando vários interesses estão em jogo e não só os financeiros e econômicos, a tendência é uma homogeneização de soluções que procura agradar a todos.” (1996, pág. 77). Talvez por essas razões de mercado, há uma inércia que dificulta a arquitetura de acompanhar a velocidade das transformações sócio-tecnológicas.

Esse descompasso do mercado imobiliário em propor soluções mais condizentes com a realidade dos moradores é um tema bastante explorado nas pesquisas do NOMAD. USP, Núcleo de Estudos de Habitares Interativos da Universidade de São Paulo, em São Carlos. No texto “Rodízios que não giram” de 2004, Marcelo Tramontano comenta:

Novas formas de ocupação desse espaço, mais adequada às atuais tendências comportamentais, aguardam para ser exploradas. Trata-se de um dos momentos mais instigantes e estimulantes de toda a história da arquitetura e do design, em que temos a possibilidade de rever, respaldados por séculos de experiência e apoiados em tecnologias emergentes, o próprio conceito de dosmesticidade. (TRAMONTANO, 2004, pág. 2)

E no texto “Apartamentos paulistanos: um olhar sobre a produção privada recente”, Queiroz e Tramontano (2009) concluem:

[...] o esforço por parte dos usuários parece ser o maior, no sentido de se adequarem aos espaços produzidos pelo mercado, quando seria razoável que ocorresse o contrário: os agentes envolvidos na produção de unidades residenciais em edifícios de apartamentos é que deveriam se esforçar para produzir espaços mais adequados às demandas de futuros moradores e, afinal, consumidores de seus produtos. (ABREU; TRAMONTANO, 2009, pág. 148)

De fato, são nesses apartamentos padronizados que pessoas e grupos familiares diversos optam como habitação, principalmente nos centros urbanos, adaptando o espaço e se acostumando a ele.

Não obstante, as televisões proliferaram e chegaram os computadores. O aparelho de televisão ainda demanda um espaço próprio, eventualmente exclusivo e especializado como no home theater. Quando o computador era restrito aos modelos desktop, também precisava ser instalado em lugares apropriados. Mas atualmente com o notebook e outros dispositivos portáteis, não há mais necessidade de adaptar o espaço ao computador. Mais que uma mudança na arquitetura do espaço doméstico, os equipamentos de comunicação provocaram uma transformação no modo de habitar.

É interessante destacar, como visto anteriormente, que a presença dos equipamentos de comunicação no ambiente doméstico não é pontual ou restrita a algumas habitações. Do contrário, e por isso a questão ganha mais relevância, de forma sistemática um número expressivo de moradias passam a abrigar as mídias comunicativas, popularizando-se à medida que elas tornam-se mais acessíveis.

Como previsto nas ficções futuristas de George Orwell, “1984” (publicado em 1949), e de Rad Bradbury, “Fahrenheit 451” (publicado em 1953), as telas eletrônicas dos monitores de televisão fariam parte da vida cotidiana. Na obra de Orwell, as casas eram equipadas com a “teletela” (em inglês: *telescreen*), sendo ao mesmo tempo televisor e camera de vigilância, entretendo e monitorando a vida dos habitantes. No livro de Bradbury, as casas tinham grandes telas que exibiam ininterruptamente um conteúdo interativo, cada parede da sala era uma tela. Na casa de Montag, personagem central do livro, tinha três murais televisivos na sala, e sua esposa Mildred fala: “se tivéssemos uma quarta tela, puxa, seria como se este salão não fosse mais só nosso, mas os salões de todos os tipos de pessoas exóticas” (BRADBURY, 2012).

Tanto em “1984” como em “Fahrenheit 451”, as telas eletrônicas trazem a presença do *outro*, do *Big Brother* que controla, ou de uma multidão desconhecida, revelando também um espaço que é compartilhado, como diz Mildred, deixa de ser “só nosso”.

Parece que o advento das mídias trouxe uma nova esfera que nem é propriamente pública e nem privada, mas um misto das duas. Há mais de uma década atrás, o arquiteto holandês do grupo MVRDV, Winy Maas, argumenta que pelo contexto tecnológico e pela desinibição das pessoas em se expor, já não faz tanto sentido estabelecer essas diferenciações de público e privado:

Colocar o interior, até mesmo o seu próprio, em exposição, parece um tópico muito moderno. Pode ser perverso, mas tem semelhanças com mistura de privacidade e publicização nestes dias: andar na faixa de pedestres ouvindo a conversa de amor do próximo que está telefonando para sua namorada, a maneira como as pessoas mostram a sua privacidade na televisão, a fim de atrair atenção. Em tais condições as antigas limitações entre privacidade e publicidade parecem ser irrelevantes¹. (MAAS apud RILEY, 1999, pág. 16, tradução nossa).

Embora a definição desses termos estejam relacionada à propriedade – a algo que pertence a um indivíduo ou a um determinado grupo, em oposição ao que é comum e de todos – quando considerado como um zoneamento espacial de determinadas atividades, ações e comportamentos que a priori, deveriam ser desenvolvidos nas ruas, nas praças, e aqueles que são próprios do ambiente de moradia, percebe-se o sentido de irrelevância que falou Maas. A indefinição dos limites público e privado não tem relação com a propriedade², que ainda está na estrutura da sociedade contemporânea, mas ao modo como as pessoas se manifestam nesses espaços.

Por um lado, a prática de compartilhar imagens pessoais nas redes sociais, e por outro, as informações e imagens ininterruptas que as mídias trazem para o interior da moradia ilustram essa condição ambivalente do espaço onde duas esferas distintas se sobrepõe e se intersectam. Neste sentido, a definição de casa como sendo um espaço separado do mundo externo não tem mais validade. Tal situação sugere que o uso das mídias estejam promovendo uma mudança no conceito de privacidade e intimidade.

Em 2013, o músico Tom Zé lançou o álbum “Tribunal do Feicebook” como uma resposta aos “feicebuqueiros” que criticaram e defenderam sua participação em um comercial

1 C. o.: *Putting the inside, even your own, on display, seems a very modern topic. It might be perverse but it has similarities with mixture of privacy and publicness these days: walking on the zebra crossing and listening to the love conversation of the neighbour who is phoning his girlfriend, the way people show their privacy on the television in order to attract attention. In such condition the ancient limitations between privacy and publicity seem to be irrelevant.*

2 Todavia, as possibilidade de compartilhamento de conteúdo na internet, principalmente de músicas e filmes, trouxe uma discussão sobre a propriedade intelectual e dos direitos autorais.

de refrigerante. Na faixa de título homônimo, canta Tom Zé: “Bruxo, descobrimos seu truque / Defenda-se já / No tribunal do Feicebuqui”. Graças as ferramentas digitais de comunicação, ficou mais evidente que as pessoas se envolvem profundamente com temas muito além do domínio doméstico.

As vozes bem elaboradas e pronunciadas do Reporter Esso, do Cid Moreira, da Fátima Bernardes, da Rachel Sheherazade, e também do polêmico Luiz Datena, se confundem com outras milhares de vozes que confirmam e desmentem suas próprias versões e opiniões do que acontece no mundo. Verdadeiramente, a internet se tornou um imenso fórum.

Com base no que foi desenvolvido neste trabalho, pode-se afirmar que os sistemas de comunicação estão incorporados na estrutura do espaço doméstico contemporâneo, desde as tomadas de conexão, as antenas, os cabos, passando pela organização do ambiente, como as salas especiais para experiência audiovisual, e até na influência da vida cotidiana. Quando uma pessoa precisa voltar para casa mais cedo, rotineiramente, para não perder a novela ou determinado programa, não há dúvida que há um novo tempo regulador, não mais o do dia e da noite, das velas, das lamparinas, mas o do eletrônico:

[...] a partir do momento em que abrimos não somente a janela como também a televisão, o dia modificou-se: ao dia solar da astronomia, ao dia incerto da luz de velas e à iluminação elétrica acrescenta-se agora um falso-dia eletrônico, cujo calendário é composto apenas por “comutações” de informações sem qualquer relação com o tempo real. (VIRILIO, 2008, pág. 10)

Entretanto, pode-se considerar que o “tempo real” é o tempo das comutações, ao qual se referiu Paul Virilio. Pois pelo que tudo indica, nossos corpos estarão cada vez mais híbridos, presentes entre redes, permanentemente em meio ao fluxo de dados e informações digitais. E habitaremos, em um futuro bem próximo, a casa cuja internet não será somente a rede de computadores, mas também de coisas e objetos interconectados, comunicando entre si, com o ambiente e com o habitante. *A máquina de morar* será, sobretudo, de comunicar.

REFERÊNCIAS

Referências

A Focus on Efficiency: a whitepaper from Facebook, Ericsson and Qualcomm. Set. 2013. Disponível em: <https://fbcdn-dragon-a.akamaihd.net/hphotos-ak-prn1/851575_520797877991079_393255490_n.pdf> Acesso em: 04 fev. 2014.

ÁBALOS, I. **A boa-vida:** visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.

ABREU, F. e TRAMONTANO, M. **Apartamentos paulistanos: um olhar sobre a produção privada recente.** Ambiente Construído (Online), v. 9, p. 139-150, 2009. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/documentos/livraria/A30-aptos_paulistanos.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2014.

ALKMIM, A. C. **Telefone é cultura?** Um estudo sobre a evolução da telefonia no Brasil. Abr. 2008. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/site/2008/07/02/telefone-e-cultura>> Acesso em: 04 fev. 2014.

ALMEIDA, A.; SOUZA, C. **Juracy.** 1941. Disponível em: <<http://cifrantiga3.blogspot.com.br/2008/01/juracy.html>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

ANDERS, P. **Cybrids:** Integrating Cognitive and Physical Space in Architecture. In: Design and Representation: ACADIA '97 Conference Proceedings, 17-34. ACADIA. Quebec City, Quebec, Canada: University of Laval, 1997. Disponível em: < <http://cumincad.architexturez.net/doc/oai-cumincadworks.id-a93b>>. Acesso em 17 fev. 2014.

AZEVEDO, R. M. de. **Metrópole:** abstração. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

BACHELARD, G. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARBOSA, M. C. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, A. P. G; SACRAMENTO, I.; ROXO, M (Org.) . **História da televisão no Brasil:** do início aos dias de hoje. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

BEIGUELMAN, G. **A arte do cibridismo**. Mar. 2010. Entrevista concedida a Thiago Carrapatoso Disponível em: <<http://vimeo.com/10120921>> Acesso em: 13 fev. 2014.

_____. Arte pós-virtual: criação e agenciamento no tempo da internet das coisas e da próxima natureza. In: PESSOA, F. (Org.) **Seminários Internacionais Museu Vale 2013 “Cyber-Arte-Cultura: a trama das redes”**. Rio de Janeiro: Suzy Muniz Produções, 2013.

BRADBURY, R. **Fahrenheit 451**: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. São Paulo: Globo, 2012.

BRANDÃO, C. As primeiras produções teleficcionais. In: RIBEIRO, A. P. G; SACRAMENTO, I.; ROXO, M (Org.) . **História da televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

BRYSON, B. **Em casa**: uma breve história da vida doméstica. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CAMARGO, E. N. **Casa, doce lar**: o habitar doméstico percebido e vivenciado. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. **Desenho e uso do espaço habitável do apartamento metropolitano na virada do século 21**: um olhar sobre o tipo “dois dormitórios” na cidade de São Paulo. 2003. São Paulo: 2003. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2003.

CASTRO, O. A cultura digital e o direito à comunicação. In: BARBOSA, A. F. (Coord.) **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil**: TIC Domicílios e TIC Empresas 2011. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012

CGI.br - Comitê Gestor da Internet no Brasil. BALBONI, M. (Coord.) **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil**: TIC Domicílios e Empresas 2007. São Paulo, 2008.

CGI.br - Comitê Gestor da Internet no Brasil. BARBOSA, A. F. (Coord.) **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Domicílios e Empresas 2012**. São Paulo, 2013.

COLIN, S. **Tipos e padrões da arquitetura civil colonial – II**. Mai. 2011 Disponível em: <<http://coisasdaarquitectura.wordpress.com/page/7/>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

COLOMINA, B. **Privacy and publicity: modern architecture as mass media**. Woburn: MIT Press, 1996.

CRUZ, L. **O futuro da Intel está no reconhecimento humano e computação vestível**. Jan. 2014. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/tecnologia-pessoal/2014/01/o-futuro-da-intel-esta-em-reconhecimento-humano-e-computacao-vestivel.shtml>> Acesso em: 04 fev. 2014.

DOMINGUES, I. **Cocooning: o jeito encasulado de viver e consumir ganha cada dia mais adeptos no Brasil**. Ago. 2009. Disponível em: <<http://tendenciasdoconsumo.blogspot.com.br/2009/08/cocooning-o-jeito-encasulado-de-viver-e.html>>. Acesso em 04 fev. 2014.

FELICE, M. D. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.

FOUCAULT, M. **Des espaces autres**. In: Architecture, Mouvement, Continuité, nº5. Out. 1984. Disponível em: <<http://foucault.info/documents/heterotopia/foucault.heterotopia.en.html>>. Acesso em: 16 fev. 2014.

Google: política de privacidade. Jun. 2013. Disponível em: <<http://www.google.com.br/intl/pt-BR/policies/privacy>> Acesso em: 04 fev. 2014.

GROSSMAN, L. **You — Yes, You — Are TIME's Person of the Year**. Dez. 2006. Disponível em: <<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,1570810,00.html#ixzz2uRKuqGOe>>. Acesso em: 04. fev. 2014.

História da telefonia. Mar. 2012. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/acoes-e-programas/articulacao-de-politicas-da-area-das-comunicacoes/44-historia-das-comunicacoes/22463-historia-da-telefonia>> Acesso em: 04 fev. 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2000. Famílias e domicílios:** resultados da amostra. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/familias/censo2000_familias.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2014.

_____. **Censo Demográfico 2010. Famílias e domicílios:** resultados da amostra. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Familias_e_Domicilios/censo_fam_dom.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2014.

_____. **Censo Demográfico 2010. nupcialidade, fecundidade e migração:** resultados da amostra. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Nupcialidade_Fecundidade_Migracao/censo_nup_fec_mig.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2014.

LEMOS, A. A comunicação das coisas. Internet das coisas e teoria ator-rede: etiquetas de radiofrequência em uniformes escolares na Bahia. In: PESSOA, F. (Org.) **Seminários Internacionais Museu Vale 2013 “Cyber-Arte-Cultura: a trama das redes”**. Rio de Janeiro: Suzy Muniz Produções, 2013.

LEMOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, C. A. C. **Cozinhas, etc:** um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

_____. **História da casa brasileira.** São Paulo: Contexto, 1996.

_____. Transformações no programa da casa paulistana. In: SILVA, L. O de F e; OTERA, R. (Org.) **Habitação e cidade**: curso pós-graduação lato sensu Escola da Cidade 2011. São Paulo: ECidade, 2012

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MIGUEL, J. M. C. **A casa**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MOREIRA, S. V. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

MORI, L. **Sebos vendem livros por metro para decoração de escritórios e residências**. Mai. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/05/1272859-sebos-vendem-livros-por-metro-para-decoracao-de-escritorios-e-residencias.shtml>> Acesso em: 04 fev. 2014.

OLIVEIRA, R. S. de. **A cidade e o pensamento político de Leon battista Alberti no De Re Aedificatoria e outros escritos**. 2010. Salvador: 2010. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, 2010.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

Reclames do Estadão: a história contada pelos anúncios impressos desde 1876. São Paulo. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

RIBEIRO, A.; BARRO, J. de; BABO, L. **Cantores do rádio**. 1936. Disponível em: <<http://letras.mus.br/braguinha/260041>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I. A renovação estética da TV. In: RIBEIRO, A. P. G; SACRAMENTO, I.; ROXO, M (Org.) . **História da televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

RILEY, T. **The un-private house**. Nova York: The Museum of Modern Art, 1999.

Sabonete Lever. Disponível em: <<http://www.locutor.info/Jingles/Jingle%20Sabonete%20Lever%2040%2050.wav>> Acesso em: 21 fev. 2014.

Secovi-SP debate proposta da Prefeitura de restringir vagas de garagem. Jan. 2014. Disponível em: <<http://www.secovi.com.br/noticias/secovi-sp-debate-proposta-da-prefeitura-de-restringir-vagas-de-garagem-/7367>> Acesso em 04 fev. 2014.

SCHOENAUER, N. **6,000 Years of housing**. New York: Norton, 2000

SPITZ, C. **O adeus à TV de tubo**: produção dos aparelhos no Brasil termina depois da Copa. Nov. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/o-adeus-tv-de-tubo-producao-dos-aparelhos-no-brasil-termina-depois-da-copa-10687192>> Acesso em: 17 fev. 2014.

TERUYA, M. T. A família na historiografia brasileira: bases e perspectivas teóricas. In: **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 2000, Caxambu, MG (Brasil). Anais...Belo Horizonte, MG (Brasil): ABEP, 2000. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

TRAMONTANO, M. **Alice no país da especulação imobiliária**: habitação e modos de vida na cidade de São Paulo. *Cidades. Comunidades e Territórios*, Lisboa, Portugal, v. 6, p. 93-112, 2003. Disponível em: <https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/3334/1/Cidades2003-6_Tramontano.pdf> Acesso em: 04 fev. 2014.

_____. **Rodízios que não giram**. *Revista Abimóvel*, Curitiba, p. 4 - 4, 01 dez. 2004. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/documentos/livraria/A09-Rodiziosquenaogiram.pdf>> Acesso em: 18 fev. 2014

TRAMONTANO, M. ; BENEVENTE, V. A. . Comportamentos & espaços de morar: leituras preliminares das e-pesquisas Nomads. In: **ENTAC'04**, 2004, São Paulo. Anais, 2004. 210mmx297mm. 10 p. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/documentos/livraria/A20-CompEspacosMorarLeiturasPreE_P.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2014.

VIRILIO, P. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

ZABALBEASCOA, A. **Todo sobre la casa**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011.

ZÉ, T. **Tribunal do Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/tomze/app_513501435363956>. Acesso em: 19 fev. 2014.

Fonte das Imagens

Imagem 1 - Socks. Disponível em: <<http://socks-studio.com/2011/10/31/francois-dallegret-and-reyner-banham-a-home-is-not-a-house-1965/>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

Imagem 2 - Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.bb3205c597b9e36c3664eb10e2308ca0/?vgnextoid=91b6ffbae7ac1210VgnVCM1000002e03c80aRCRD&Id=f3d9e181d893c010VgnVCM1000001c01a8c0____>. Acesso em: 13 fev. 2014.

Imagem 3 - Wikimedia Commons. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mongolische_Jurte.jpg>. Acesso em: 20 fev. 2014.

Imagem 4 - Wikimedia Commons. Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_Hall_at_Penshurst_Place_from_Ancestral_Homes_of_Noted_Americans_by_Anne_Hollingsworth_Wharton_\(1915\).jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_Hall_at_Penshurst_Place_from_Ancestral_Homes_of_Noted_Americans_by_Anne_Hollingsworth_Wharton_(1915).jpg)>. Acesso em 20 fev. 2014.

Imagem 5 - Cutelilkittens. Disponível em: <<http://cutelilkittens.blogspot.com.br/2011/01/adolf-loos.html>>. Acesso em: 13 fev. 2014.

Imagem 6 - Fondation Le Corbusier. Foto: Paul Koslowski. Disponível em: <http://www.fondationlecorbusier.fr/CorbuCache/900x720_2049_2903.jpg>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 7 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2011/07/09/faca-como-seu-bisavo>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 8 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2012/05/17/maquina-falante>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 9 - Wikimedia Commons. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Carte_g%C3%A9n%C3%A9rale_des_grandes_communications_t%C3%A9graphiques_du_monde.jpg>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 10 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2010/09/09/radio-admiral>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 11 - Wikipedia. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/File:1936~Volksempfaenger.jpg>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 12 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2010/05/05/poliglota>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 13 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2010/12/08/adote-um-sabonete>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 14 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2012/08/29/o-radio-que-falta-ao-seu-lar>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 15 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2010/11/03/radiofono-boutique>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 16 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/>>

reclames-do-estadao/2011/02/18/adeus-horario-de-verao>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 17 - Seleções do Reader's Digest. Jan. 1944.

Imagem 18 - Assembleia Legislativa de São Paulo. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/noticia/09-2010/TV5.jpg>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 19 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2012/02/17/receba-o-rei-momo-em-casa>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 20 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2011/04/23/super-herois>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 21 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2012/12/19/chegou-o-controle-remoto-2>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 22 - Disponível em: <<http://www.dolby.com/us/en/consumer/setup/connection-guide/home-theater-speaker-guide/index.html?onlnk=cl-sc>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 23 - Apple. Disponível em: <http://images.apple.com/br/appletv/what-is/images/appletv_smallsize.jpg>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 24 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2010/07/28/telefone-importado>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 25 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2010/12/26/boas-festas-via-radiobras>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 26 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2010/07/29/telefone-portugues>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 27 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/>>

reclames-do-estadao/2010/08/06/telefone-para-o-papai>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 28 - orelhao.arq.br. Disponível em: <http://www.orelhao.arq.br/p_orelhao.html>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 29 - Wikipedia. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Simplicissimus_Karl_Arnold_Mobile_Telephony.jpg>. Acesso em: 22 fev. 2014.

Imagem 30 - Samsung. Disponível em: <http://www.samsung.com/br/consumer/flagship/SM-C1010ZKPZTM/images/scene0_bg.jpg>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 31 - Museu da Computação e Informática. Disponível em: <<http://www.mci.org.br/micro/prologica/cp400.html>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

Imagem 32 - Herman Miller. Disponível em: <<http://www.hermanmiller.com/products/workspaces/desks/envelop-desk.html>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

Imagem 33 - Amazon. Disponível em: <http://ecx.images-amazon.com/images/I/71xv%2B42OmPL._SL1500_.jpg>. Acesso em: 25 fev. 2014.

Imagem 34 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2010/06/18/apartamento-na-paulista>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 35 - Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/19286-ad-week#foto-319660>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 36 - Chicagogeek. Disponível em: <<http://chicagogeek.tumblr.com/image/56343407481>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 37 - Reclames do Estadão. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/2012/01/13/escolha-o-melhor-presente>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 38 - Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2012/11/1179776-escola-poe-chip-em-uniforme-para-pai-monitorar-estudante.shtml>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 39 - Google Glass. Disponível em: <http://www.google.com/glass/start/assets/img/homepage/homepage_04.jpg>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 40 - Time Magazine. Disponível em: <<http://content.time.com/time/covers/0,16641,20061225,00.html>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

Imagem 41 - Memória Bit. Disponível em: <<http://www.memoriabit.com.br/wp-content/uploads/2011/07/Atari-2600-an%C3%BAncio-inimigo-da-fam%C3%ADlia.jpg>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

Imagem 42 - Jornal Estado de São Paulo, editada pelo autor. Ver Anexo, código 90.

Imagem 43 - Jornal Estado de São Paulo. Ver Anexo, código 59.

Imagem 44 - Jornal Estado de São Paulo, editada pelo autor. Ver Anexo, código 65.

Imagem 45 - Jornal Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, editada pelo autor. Ver Anexo, código 172, 184 e 200.

Imagem 46 - Jornal Estado de São Paulo, editada pelo autor. Ver Anexo, código 112.

Imagem 47 - Jornal Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, editada pelo autor. Ver Anexo, códigos 2, 41, 84, 137, 169, 199, 203, 211

Imagem 48 - Jornal Folha e São Paulo. Ver Anexo, código 155.

Imagem 49 - Jornal Estado de São Paulo. Ver Anexo, código 174.

Imagem 50 - Jornal Estado de São Paulo. Ver Anexo, código 159.

Imagem 51 - Jornal Estado de São Paulo. Ver Anexo, código 221.

Imagem 52 - Jornal Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, editada pelo autor. Ver Anexo, códigos 137, 171, 180 e 211.

Imagem 53 - Jornal Estado de São Paulo, desenhado pelo autor. Ver Anexo, código 221.

ANEXO - PLANTAS DE VENDA

As 226 plantas de venda de apartamentos coletadas e usadas na análise deste trabalho estão dispostas a seguir por ordem cronológica. As plantas de venda foram extraídas dos jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, em mídia impressa e também em mídia digital. Os jornais impressos, de 1981 a 2008, foram consultados no acervo da Seção de Produção de Bases Digitais para Arquitetura e Urbanismo (CESAD) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Os jornais de 2009 a 2010 foram consultados na internet.

Todas as plantas estão localizadas no município de São Paulo. Os endereços estão especificados conforme descrição que constava no anúncio original. Cada endereço foi verificado no Google Maps, juntamente com uma poligonal do município de São Paulo para confirmar a abrangência territorial da pesquisa.

As imagens coletadas foram editadas (recorte, rotação e correção de cor) para uma melhor visualização das plantas de venda, algumas informações sobre o empreendimento imobiliário foram suprimidas. As cotas dimensionais e textos com nome dos ambientes foram mantidos.

As plantas de venda também estão digitalizadas e disponíveis no blog “Plantas de venda em São Paulo”, no endereço: <<http://plantasdevendas.wordpress.com>>. Como parte do memorial de qualificação do mestrado, foi realizada uma pesquisa com 30 plantas de apartamentos de dois dormitórios e 30 plantas de apartamento de três dormitórios. Os desenhos foram digitalizados e as plantas foram vetorizadas em arquivo CAD, gerando uma tabela de áreas dos ambientes. O link para o arquivo PDF com as plantas e as tabelas está disponível no blog.

Planta 001 - Rua Dr. Cesar, 1201 - Santana
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 10/05/1981

Planta 002 - Rua Alfredo Pujol, 1363 - Santana
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 17/05/1981

Planta 003 - Rua José B. Magaldi, 1 - Jd. São Luís
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 17/05/1981

Planta 004 - Rua dos Trilhos, 1 - Móoca
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 17/05/1981

Planta 005 - Rua General Bagnuolo, 662 - Vl. Prudente
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 31/05/1981

Planta 006 - Rua Pe. Ant. José dos Santos, 1144 - Itaim Bibi
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/06/1981

Planta 007 - Rua Helena, 100 - Itaim Bibi
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/06/1981

Planta 008 - Rua Dr. Miranda de Azevedo, 544 - Lapa
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/06/1981

Planta 009 - Rua Volutários da Pátria, 4178 - Santana
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/06/1981

Planta 010 - Rua Nova York, 499 - Itaim Bibi
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 19/09/1982

Planta 011 - Rua Croatá, 195 - Lapa
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 19/09/1982

Planta 012 - Av. Washington Luiz, 1576 - Santo Amaro
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 03/10/1982

Planta 013 - Rua Inhambu, 635 - Moema
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 03/10/1982

Planta 014 - Rua Girassol, 510 - Pinheiros
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 24/10/1982

Planta 015 - Av. Prof. Fco. Morato, 6338 - Vl. Sônia
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 20/10/1982

Planta 016 - Rua Urano, 9 - Liberdade
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 24/10/1982

Planta 017 - Rua Barão de Jaceguai, 1304 - Campo Belo
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 24/10/1982

Planta 018 - Rua Barão do Triunfo, 662 - Campo Belo
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 24/10/1982

1983

Planta 019 - Av. Elizeu de Almeida, 2900 - Butantã
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 13/03/1983

Planta 020 - Av. Mascote, 385 - Jabaquara
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/03/1983

Planta 021 - Rua Florianópolis, 275 - Água Rasa
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/03/1983

Planta 022 - Rua Tuim, 783 - Moema
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/03/1983

Planta 023 - Alameda Lorena, 1342 - Jardim Paulista
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 10/04/1983

Planta 024 - Rua Vieira de Moraes, 987 - Campo Belo
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 24/04/1983

Planta 025 - Rua Caqueto, 274 - Penha
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 08/05/1983

Planta 026 - Rua Jovina, 782 - Jabaquara
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 08/05/1983

Planta 027 - Rua Dom Paulo Pedrosa, 1282 - Morumbi
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 08/05/1983

1984

Planta 028 - Rua Cantagalo, 2353 - Carrão
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 10/06/1984

Planta 029 - Rua Apiacás, 570 - Perdizes
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 10/06/1984

Planta 030 - Avenida Braz Leme, 2374 - Santana
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 19/08/1984

Planta 032 - Rua Simão Velho, 368 - Freguesia do Ó
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 19/08/1984

Planta 031 - Rua Francisca Julia, 161 - Santana
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 19/08/1984

Planta 033 - Rua Sta. Justina, 277 - Itaim Bibi
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 19/08/1984

1985

Planta 034 - Rua Victor Brecheret, 520 - Vila Yara
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/04/1985

Planta 035 - Rua Flórida, 1139 - Itaim Bibi
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 05/05/1985

Planta 036 - Rua Dr. Silvino C. Abreu, 179 - Campo Belo
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 05/05/1985

Planta 037 - Rua Francisca Julia, 495 - Santana
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 12/05/1985

Planta 038 - R. Ministro Ferreira Alves, 1031 - Perdizes
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 19/05/1985

Planta 039 - Rua Alves Guimarães, 866 - Jd. Paulista
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 26/05/1985

1986

Planta 040 - Rua Soriano de Souza, 47 - Tatuapé
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 07/12/1986

Planta 041 - Rua Borges Lagoa, 67 - Vila Mariana
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 07/12/1986

Planta 042 - Praça Gal. Porto Carreiro, 231 - Jaguaré
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 07/12/1986

Planta 043 - Rua Bruxelas, 152 - Perdizes
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 07/12/1986

Planta 044 - Rua Alves Guimarães, 635 - Jd. Paulista
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 07/12/1986

Planta 045 - Rua Grumixamas, 308 - Jabaquara
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 07/12/1986

Planta 046 - Rua Flórida, 70 - Itaim Bibi
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 07/12/1986

Planta 047 - Rua Miranda de Azevedo, 1085 - Perdizes
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 21/12/1986

Planta 048 - Avenida Interlagos, 492 - Campo Grande
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/12/1986

1987

Planta 049 - Rua Santa, 71 - Jabaquara
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 10/05/1987

Planta 051 - Avenida Moema, 537 - Moema
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 17/05/1987

Planta 050 - Rua Torquato Tasso, 318 - Vila Prudente
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 17/05/1987

Planta 052 - Rua Inhambu, 964 - Moema
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 17/05/1987

Planta 053 - Rua Agente Gomes, 263 - Santana
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 17/05/1987

Planta 054 - Rua Corinto, 600 - Butantã
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 17/05/1987

1988

Planta 055 - Rua Palacete das Águias, 200 - Cpo. Belo
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/11/1988

Planta 056 - Av. Eng. Luis C. Berrini, 1738 - Itaim Bibi
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/11/1988

Planta 057 - Avenida Cotovia, 217 - Moema
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/11/1988

Planta 058 - Av. Dr. Cardoso de Melo, 1032 - Itaim Bibi
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/11/1988

Planta 059 - R. Cel. C. de Siqueira Campos, 1 - Itaim Bibi
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/11/1988

Planta 060 - Rua Marius, 493 - Água Rasa
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/11/1988

Planta 061 - Avenida Irerê, 2043 - Saúde
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/11/1988

Planta 062 - Rua Vale Formoso, 77 - Carrão
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/11/1988

1989

Planta 063 - Rua Doutor Luiz Migliano, 871 - Vila Sônia
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 18/06/1989

Planta 064 - Avenida Cotovia, 141 - Moema
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 18/06/1989

Planta 065 - Rua Aluísio de Azevedo, 162 - Santana
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 18/06/1989

Planta 066 - Av. Dr. Cardoso de Melo, 146 - Itaim Bibi
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 18/06/1989

Planta 067 - Rua Damasceno Vieira, 730 - Jabaquara
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 18/06/1989

Planta 068 - Rua Caiubi, 1322 - Perdizes
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 18/06/1989

Planta 069 - Av. Onze de Junho, 875 - Saúde
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 18/06/1989

Planta 070 - R. Prof. Astolfo T. Paes, 86 - Rio Pequeno
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 18/06/1989

1990

Planta 071 - Av. Deputado Emílio Carlos, 477 -
Limão
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 12/08/1990

Planta 072 - R. Heitor Nascimento, 100 - Freguesia do Ó
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 12/08/1990

Planta 073 - R. Camândulas, 44 - Vila Leopoldina
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 12/08/1990

Planta 074 - Rua Pedrol Doll, 303 - Santana
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 12/08/1990

Planta 075 - Avenida Interlagos, 500 - Campo Grande
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 12/08/1990

Planta 076 - Rua Visconde de Itaboraí, 250 - Tatuapé
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 12/08/1990

Planta 077 - Av. N. Sra da Assunção, 675 - R. Pequeno
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 26/08/1990

Planta 078 - Rua Sócrates, 531 - Campo Grande
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 26/08/1990

Planta 079 - Rua Sócrates, 831 - Campo Grande
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 26/08/1990

1991

Planta 080 - R. Comendador Elias Zarzur, 269 - S. Amaro
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 30/06/1991

Planta 081 - Av. Damasceno Vieira, 800 - Jabaquara
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 30/06/1991

Planta 082 - Rua Faustolo, São Paulo, 1628 - Lapa
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 11/08/1991

Planta 083 - Rua Guararapes, 78 - Itaim Bibi
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 25/08/1991

Planta 084 - Av. N. Sra. da Assunção, 780 - Rio Pequeno
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 25/08/1991

Planta 085 - Rua Vilela, 720 - Tatuapé
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 25/08/1991

Planta 086 - Av. N. Sra. da Assunção, 722 - Rio Pequeno
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 25/08/1991

Planta 087 - Avenida Pavão, 78 - Moema
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 17/05/1992

Planta 088 - Rua Passo da Pátria, 1301 - Vl. Leopoldina
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 24/05/1992

Planta 089 - Rua Apiacás, 218 - Perdizes
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 31/05/1992

Planta 090 - Rua Oscar Thompson, 100 - Santa Cecília
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/06/1992

Planta 091 - R. Octávio T. M. Sobrinho, 40 - Jabaquara
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/06/1992

Planta 092 - Rua Paula Ferreira, 194 - Freguesia do Ó
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/06/1992

Planta 093 - Rua Dr. Andrade Pertence, 45 - Itaim Bibi
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/06/1992

1993

Planta 094 - R. Dom Constatino Barradas, 45 - Cursino
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 04/04/1993

Planta 096 - R. Pe. F. Domingues, 346 - Freguesia do Ó
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 25/04/1993

Planta 095 - Rua Campevas, 404 - Perdizes
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 04/04/1993

Planta 097 - R. Dr. Miranda de Azevedo, 609 - Lapa
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 30/05/1993

Planta 098 - Rua Antônio Pires, 810 - Freguesia do Ó
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 30/05/1993

Planta 099 - Rua Pio XI, 2179 - Alto de Pinheiros
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 30/05/1993

Planta 100 - Rua Antônio Pires, 810 - Freguesia do Ó
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 30/05/1993

Planta 101 - Av. Dr. Altino Arantes, 620 - Saúde
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 30/05/1993

1994

Planta 102 - Rua Francisco Bayardo, 551 - Perdizes
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 01/05/1994

Planta 103 - Rua José Ramon Urtiza, 660 - Vila Andrade
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 01/05/1994

Planta 104 - Rua Carlo Carra, 415 - Jabaquara
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 08/05/1994

Planta 105 - Rua Loefgreen, 916 - Vila Mariana
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 08/05/1994

Planta 106 - Rua Urano, 180 - Liberdade
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 29/05/1994

Planta 107 - Avenida Ramalho Ortigão, 70 - Cursino
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 29/05/1994

Planta 108 - Av. Giovanni Gronchi, 5190 - Vl. Andrade
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 05/06/1994

Planta 109 - Rua Carlos Weber, 1350 - Vila Leopoldina
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 19/06/1994

Planta 110 - Rua Tucuna, 414 - Perdizes
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 19/06/1994

1995

Planta 111 - Rua Pedro de Toledo, 541 - Vila Mariana
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 26/03/1995

Planta 112 - Rua Iperoig, 749 - Perdizes
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 26/03/1995

Planta 113 - Rua João Moura, 680 - Jardim Paulista
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 07/05/1995

Planta 114 - Rua Atilio Piffer, 623 - Casa Verde
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 07/05/1995

Planta 116 - Rua Lino Coutinho, 301 - Ipiranga
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 28/05/1995

Planta 118 - Av. João P. Viegas, 193 - Campo Grande
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 28/05/1995

Planta 115 - Rua Carlos Weber, 1330 - Vila Leopoldina
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 21/05/1995

Planta 117 - Avenida Dória, 300 - Campo Belo
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 28/05/1995

Planta 119 - Av. Prefeito Fábio Prado, 735 - Vl. Mariana
 Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 28/05/1995

1996

Planta 120 - Rua Coronel Meireles, 81 - Penha
 Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 19/05/1996

Planta 122 - Avenida Zumkeller, 792 - Mandaqui
 Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 19/05/1996

Planta 121 - R. Prof. J. H. M. Teixeira, 872 - Vl. Sônia
 Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 19/05/1996

Planta 123 - Rua Guará, 275 - Perdizes
 Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 19/05/1996

Planta 124 - Rua Maria Fagnani, 70 - Saúde
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 19/05/1996

Planta 125 - Rua Pereira da Nóbrega, 324 - Ipiranga
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 19/05/1996

Planta 126 - Largo São José do Maranhão - Tatuapé
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 26/05/1996

Planta 127 - Rua Inácio Lima, 96 - Jardim São Luís
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 26/05/1996

Planta 128 - Largo São José do Maranhão, Tatuapé
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 26/05/1996

Planta 129 - Rua Fabiano Alves, 268 - Vila Prudente
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 02/03/1997

Planta 130 - Rua Tupi, 103 - Santa Cecília
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 09/03/1997

Planta 131 - R. Horácio A. da Costa, 200 - Cde. Ademar
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 09/03/1997

Planta 132 - Rua Canário, 1112 - Moema
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 09/03/1997

Planta 133 - Rua Barata Ribeiro, 284 - Bela Vista
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 09/03/1997

Planta 134 - Rua Eng. Jorge Oliva, 491 - Jabaquara
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 09/03/1997

Planta 135 - Av. Duquesa de Goiás, 124 - Morumbi
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 09/03/1997

1998

Planta 136 - Alameda Barros, 66 - Santa Cecília
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 23/05/1998

Planta 137 - Rua Pedro Pomponazzi, 651 - Vila Mariana
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 31/05/1998

Planta 138 - Rua Tonelero, 265 - Lapa
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 31/05/1998

Planta 139 - Rua do Arraial, 209 - Cursino
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 31/05/1998

Planta 140 - Rua Enéas de Barros 378 Penha
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 21/06/1998

Planta 141 - Rua Paulo Orizombo, 503 - Liberdade
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 23/08/1998

Planta 142 - Rua Caraíbas, 1324 - Perdizes
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 23/08/1998

1999

Planta 143 - Rua Cel. Luís Schmidt, 475 - Jd. São Luís
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 25/04/1999

Planta 144 - R. Catulo da Paixão Cearense, 377 - Saúde
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 02/05/1999

Planta 145 - Rua Gama Cerqueira, 633 - Cambuci
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 23/05/1999

Planta 146 - R. Dr. Chibata Miyakoshi, 350 - Vl. Andrade
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 30/05/1999

Planta 147 - Avenida Interlagos, 5699 - Cidade Dutra
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 20/06/1999

Planta 148 - Avenida Interlagos, 5699 - Cidade Dutra
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 20/06/1999

Planta 149 - Av. Rmdo P. de Magalhães, 1720 - Pirituba
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/06/1999

Planta 150 - Rua Padre Vieira, 62 - Pari
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/06/1999

2000

Planta 151 - Av. Fagundes Filho, 789 - Saúde
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 07/05/2000

Planta 152 - Rua Alvorada, 1117 - Itaim Bibi
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 07/05/2000

Planta 153 - Rua Maurício de Lacerda, 411 - Saúde
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 07/05/2000

Planta 154 - Rua Francisco Marson, 170 - Vila Sônia
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 14/05/2000

Planta 155 - Rua Castro Alves, 612 - Liberdade
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 28/05/2000

Planta 156 - Rua Crasso, 337 - Lapa
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/05/2000

Planta 157 - Rua Visconde de Inhomirim, 1093 - Móoca
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/05/2000

Planta 158 - Rua Espírito Santo, 311 - Liberdade
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 28/05/2000

2001

Planta 159 - Rua do Oratório, 260 - Móoca
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 06/05/2001

Planta 160 - Rua Passo da Pátria, 901 - Vila Leopoldina
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 06/05/2001

Planta 161 - Avenida Vila Ema, 3001 - São Lucas
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 13/05/2001

Planta 162 - Rua Correia de Lemos, 377 - Saúde
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/05/2001

Planta 163 - Av. Doutor Altino Arantes, 1000 - Saúde
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/05/2001

Planta 164 - R. Castro Alves, 373 - Liberdade
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 03/06/2001

Planta 165 - Rua Calógero Cália, 623 - Cursino
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 17/06/2001

2002

Planta 166 - Av. Yervant Kissajikian, 299 - Cde. Ademar
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 23/06/2002

Planta 167 - R. Pe. Ant. José dos Santos, 495 - Itaim Bibi
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 23/06/2002

Planta 168 - R. Manoel de Almeida, 495 - Vila Guilherme
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 30/06/2002

Planta 169 - Rua Caiowaá, 710 - Perdizes
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 25/08/2002

Planta 170 - Rua Germano Ulbrich, 101 - Vila Andrade
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 25/08/2002

Planta 171 - Rua Francisco da Lira, 80 - Tucuruvi
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 25/08/2002

2003

Planta 172 - Rua Tijuco Preto, 845 - Tatuapé
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/04/2003

Planta 173 - R. Constantino de Souza, 914 - Campo Belo
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 14/09/2003

Planta 175 - Rua Iubatinga, 14 - Vila Andrade
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 21/09/2003

Planta 174 - Rua Orissanga, 280 - Saúde
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 14/09/2003

Planta 176 - Rua Tonelero, 239 - Lapa
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 19/10/2003

Planta 177 - Rua Pedroso Alvarenga, 271 - Itaim Bibi
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 26/10/2003

2004

Planta 178 - Rua Dom Matheus, 55 - Ipiranga
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 21/03/2004

Planta 180 - Rua Iara, 123 - Itaim Bibi
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 16/05/2004

Planta 182 - Rua Sapucaia, 1070 - Móoca
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 23/05/2004

Planta 179 - Rua Artur de Oliveira, 365 - Casa Verde
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 09/05/2004

Planta 181 - Rua Cap. Sérgio R. Caldas, 457 - Tucuruvi
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 23/05/2004

Planta 183 - Avenida Moema, 509 - Moema
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 30/05/2004

Planta 184 - Av. Adolfo Pinheiro, 760 - Santo Amaro
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 30/05/2004

Planta 185 - R. Ten. Cel. Soares Neiva, 386 - Vl. Matilde
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 30/05/2004

2005

Planta 186 - R. Dr. José de A. Figueira, 111 - Vl. Andrade
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/02/2005

Planta 187 - Rua Jaci, 48 - Saúde
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/02/2005

Planta 188 - Rua Barão do Triunfo, 786 - Campo Belo
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/02/2005

Planta 189 - Rua Fábria, 50 - Lapa
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/02/2005

Planta 190 - R. Manoel Á. da Costa, 187 - Rio Pequeno
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/02/2005

Planta 191 - Rua Copacabana, 466 - Santana
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 27/02/2005

Planta 192 - Av. Mal. Fiuza de Castro, 435 - Butantã
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 10/04/2005

Planta 193 - Rua Tabajaras, 160 - Móoca
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 17/04/2005

Planta 194 - Avenida Fagundes Filho, 436 - Saúde
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 12/02/2006

Planta 195 - Av. Raimundo Pereira de M., 1720 - Pirituba
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/05/2006

Planta 196 - Rua Tibério, 158 - Lapa
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/05/2006

Planta 197 - R. Catulo da Paixão Cearense, 190 - Saúde
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 28/05/2006

Planta 198 - Rua Visconde de Pirajá, 659 - Ipiranga
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 28/05/2006

Planta 202 - Rua Henrique Sertório, 287 - Tatuapé
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/01/2007

Planta 204 - Rua João Antônio de Oliveira, 349 - Móoca
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 29/04/2007

Planta 205 - Rua Padre Raposo, 137 - Móoca
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 29/04/2007

Planta 206 - Rua dos Ingleses, 542 - Bela Vista
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 17/06/2007

2008

Planta 207 - Rua Iubatinga, 77 - Vila Andrade
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 10/02/2008

Planta 208 - Rua Porto Alegre, 333 - Água Rasa
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 10/02/2008

Planta 209 - Rua Alves Guimarães, 1217 - Pinheiros
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 24/02/2008

Planta 210 - R. Ossian Terceiro Teles, 127 - Cde. Ademar
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 24/02/2008

Planta 211 - Rua Padre Jerônimo Vernin, 204 - Sacomã
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 15/06/2008

Planta 212 - Rua Bueno de Andrade, 640 - Liberdade
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 22/06/2008

Planta 213 - Rua dos Democratas, 277 - Saúde
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 22/06/2008

Planta 214 - Rua Dom Matheus, 120 - Ipiranga
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 07/06/2009

Planta 215 - Rua Abagiba, 1150 - Sacomã
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 07/06/2009

Planta 216 - Rua Vigário Albernás, 379 - Cursino
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 28/06/2009

Planta 217 - Rua José Gomes Falcão, 215 - Barra Funda
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 30/08/2009

Planta 218 - Avenida Duquesa de Goiás, 155 - Morumbi
Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 15/11/2009

Mensais durante a obra a partir de: **R\$ 420***

Opções de lazer para aproveitar como e quanto quiser.

Planta do apartamento tipo de 2 dormitórios, sem escada, com sugestão de decoração. Móveis em dimensões comerciais não fazem parte do contrato.

Planta 219 - Rua Antônio Campelo, 140 - Mandaqui

Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 17/01/2010

Planta 220 - R. Dr. J. Andrade Figueira, 221 - Vl. Andrade

Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 28/02/2010

Planta 221 - Av. Prof. Francisco Morato, 4923 - Vl. Sônia

Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 25/04/2010

Planta 222 - Rua Estevão Baião, 785 - Campo Belo

Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 02/05/2010

Planta 223 - R. Dr. J. Andrade Figueira, 221 - Vl. Andrade

Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 16/05/2010

Planta 224 - Rua Chamantá, 1227 - MÓOCA
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 13/06/2010

Planta 225 - Rua Campo Largo, 369 - ÁGUA RASA
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 15/08/2010

Planta 226 - Rua Taquara Branca, 78 - VL. GUILHERME
 Fonte: Jornal Estado de São Paulo, 10/10/2010